

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
CURSO DE JORNALISMO

RAFAEL ZANOTTI KEMPFER

MÍDIA EM XEQUE: ANÁLISE DA COBERTURA DA CARREIRA DE HENRIQUE MECKING
PELO JORNAL 'ESTADÃO' (1967-1979)

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RAFAEL ZANOTTI KEMPFER

**MÍDIA EM XEQUE: ANÁLISE DA COBERTURA DA CARREIRA DE HENRIQUE
MECKING PELO JORNAL 'ESTADÃO' (1967-1979)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo pela Escola de Comunicação,
Artes e Design da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Juremir Machado da Silva

Porto Alegre

2023

RAFAEL ZANOTTI KEMPFER

**MÍDIA EM XEQUE: ANÁLISE DA COBERTURA DA CARREIRA DE HENRIQUE
MECKING PELO JORNAL 'ESTADÃO' (1967-1979)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo pela Escola de Comunicação,
Artes e Design da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Juan de Moraes Domingues – PUCRS

Prof. André Fagundes Pase - PUCRS

AGRADECIMENTOS

Para o presente trabalho, agradeço primeiramente ao meu orientador Juremir Machado da Silva, por ter acatado a ideia e, com empolgação, ter me guiado até o resultado final. Em 2022, quando eu estagiava no Jornal do Comércio, costumava voltar para a casa pegando 2 ônibus. O primeiro deles era o da linha T5, que passava por volta das 20h30 na rua Santana. Conforme virou rotina, fiz amizade com o motorista e a cobradora, e conversávamos sobre várias coisas antes de chegar ao Shopping Total, na avenida Cristóvão Colombo. Conversando sobre jornalismo, certa vez, a cobradora me disse espontaneamente: “Gosto muito do Juremir Machado, acho ele muito inteligente”.

Convivendo no dia a dia, não se percebe a honra que é estar no meio de algumas pessoas, mas a cobradora do T5 me faz lembrar, quando recordo o passado, da honra que foi ter o Juremir como orientador.

Agradeço aos meus amigos, em especial a Júlia Ruvinski Leão, minha colega de sala, pelas trocas de motivações ao longo deste trabalho. Nada é fácil neste nível da vida, mas ter amigos dispostos a conceder suporte torna o processo menos complicado.

Agradeço ao meu pai, que sempre me deu enorme suporte durante todo o período da faculdade, não sendo diferente durante a escrita desta monografia. Agradeço também minha mãe que, embora não esteja mais conosco há mais de 10 anos, está presente através de 2 porta-retratos apoiados na estante. Cada vez que surgia o pensamento da desistência, olhar os porta-retratos era um combustível que me motivava a continuar em frente.

Agradeço ao Metrópole Xadrez Clube pelo fornecimento de bibliografia para este trabalho, e também por manter a relevância do xadrez em Porto Alegre desde 1937.

Por fim, agradeço também à minha cafeteira, que talvez tenha trabalhado mais do que eu neste processo todo, me mantendo acordado e com energia através das noites que foram cedidas à escrita do texto a seguir. Sem mais.

RESUMO:

Como objetivo principal, o trabalho analisa a cobertura realizada pelo jornal 'Estadão' sobre o enxadrista brasileiro Henrique Mecking entre os anos de 1967 e 1979, observando critérios jornalísticos, maneiras de abordagem ao tema, conhecimento sobre o tema e relevância do conteúdo. As conclusões foram feitas através de critérios definidos com base em diversos autores pertinentes ao jornalismo. Como objetivo secundário, o trabalho elucida questões relevantes ao xadrez, como aspectos históricos e discussões gerais acerca do enxadrismo, como estereótipos sobre o esporte, dando o devido embasamento e sentido à análise principal.

ABSTRACT

As a main goal, the work analyses the coverage realized by the periodic 'Estadão' about the Brazilian chess player Henrique Mecking between the Years of 1967 and 1979, looking for journalistic criteria, ways of approaches of the theme, knowledgement about the theme and the content relevance. The conclusions were made through defined criteria based on several authors relevant to journalism. As a secondary objective, the work elucidates relevant issues to chess, such as historical aspects and general discussions about chess, such as stereotypes about the sport, giving the proper foundation and meaning to the main analysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 XADREZ: É UM JOGO, MAS É ESPORTE?.....	12
2.1 XADREZ E INTELIGÊNCIA: É ESPORTE PARA GÊNIOS?	15
2.2 O ESTEREÓTIPO É UM EQUÍVOCO	18
3 O FENÔMENO MEQUINHO – INFÂNCIA E ASCENSÃO	21
3.1 O PRIMEIRO GRANDE MESTRE	22
3.2 RESTANTE DA DÉCADA DE 1970: A ASCENSÃO AO PÓDIO MUNDIAL	26
3.3 MUNDO DO XADREZ NO PERÍODO ANALISADO	30
3.4 O MUNDIAL DE 1972 – FIM DA HEGEMONIA SOVIÉTICA	32
4 METODOLOGIA E ANÁLISE	36
4.1 PRIMEIRA MATÉRIA – CAMPEÃO BRASILEIRO	41
4.2 SEGUNDA MATÉRIA – PRIMEIRA NORMA DE GRANDE MESTRE	43
4.3 TERCEIRA MATÉRIA – GRANDE MESTRE	46
4.4 QUARTA MATÉRIA – PRIMEIRO TÍTULO DE INTERZONAL	49
4.5 QUINTA MATÉRIA – DERROTA NO TORNEIO DE CANDIDATOS	51
4.6 SEXTA MATÉRIA – POLÊMICA NAS OLIMPÍADAS	54
4.7 SÉTIMA MATÉRIA – SEGUNDO TÍTULO DE INTERZONAL	56
4.8 OITAVA MATÉRIA – RETORNO AO TORNEIO DE CANDIDATOS.....	58
4.9 NONA MATÉRIA – O ADEUS DE UM MITO	60
4.10 ANÁLISE GERAL DO <i>CORPUS</i>	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Propaganda da Louis Vuitton com Messi e Cristiano Ronaldo.....	16
Figura 2 - Cena da série La Casa de Papel	17
Figura 3 - Cena do filme Sherlock Holmes: O Jogo de Sombras.....	17
Figura 4 - página 20 do Estadão - 20/06/1966.....	41
Figura 5 – Recorte da página 20 do Estadão - 20/06/1966.....	41
<i>Figura 6 - página 21 do Estadão - 08/10/1971.....</i>	<i>43</i>
<i>Figura 7 – Recorte da página 21 do Estadão - 08/10/1971</i>	<i>44</i>
<i>Figura 8 - página 20 do Estadão - 14/01/1972</i>	<i>46</i>
Figura 9 - página 22 do Estadão - 18/08/1973	33
Figura 10 - página 19 do Estadão -14/01/1974	51
Figura 11 - página 19 do Estadão -14/01/1974	52
Figura 12 - Página 23 do Estadão - 15/06/1974	54
Figura 13 – Recorte da página 23 do Estadão - 15/06/1974	54
Figura 14 - página 40 do Estadão - 11/07/1976	56
Figura 15 – Recorte da página 40 do Estadão - 11/07/1976	56
Figura 16 - Página 20 do Estadão - 26/02/1977	58
Figura 17 - Página 21 do Estadão - 26/09/1979	60
Figura 18 – Recorte da página 21 do Estadão - 26/09/1979	60

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é conhecido como o país do futebol por uma razão: além de ser, com uma boa margem de distância para os outros, o esporte preferido dos brasileiros, também é o assunto preferido da imprensa esportiva. O Google Sports Study apontou, através de pesquisas internas realizadas entre 2006 e 2020, consultando 2000 brasileiros, que 70% da população do nosso país possui o futebol como seu esporte favorito. A *International Sports Press Survey 2011* apontou que 74,6% das publicações esportivas eram relacionadas ao futebol.

Isso nada mais é do que a tradução em dados do óbvio: o foco do nosso país é o futebol. Até agora, nenhum problema: se o futebol é o mais popular, faz sentido ser o mais noticiado. No entanto, o lado bom de se ter tempo (não infinito, mas que pode ser dividido), é que a paixão do consumidor de conteúdo pode ser dividida. Por exemplo: um jornal de 3 páginas que julga relevante colocar uma notícia pequena de determinado esporte ao lado de uma notícia gigantesca de futebol o faz porque possui o conhecimento de que outros esportes ainda atraem o público.

Mas tem que ter brasileiro no meio dessas notícias secundárias? Em uma reflexão proposta em 2014 pelo jornalista Thiago Burigato, publicada no Jornal Opção, de Goiânia (GO), ele afirma que "brasileiro não gosta de futebol, gosta de ganhar". Ao adentrarmos a frase para introduzir a problematização proposta no presente trabalho, pensamos em Ayrton Senna, que, junto com Nelson Piquet e Emerson Fittipaldi, ajudou a popularizar o automobilismo no Brasil, e também Gustavo Kuerten, o Guga, com o tênis.

A afirmação não é 100% correta, já que a tradição futebolística ainda manteve, por exemplo, o nível de audiência do jogo da seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 2022 render, até então, o recorde mundial de visualizações simultâneas em lives do YouTube para o canal CazéTV. O canal transmitia ao vivo os jogos da seleção e atingiu, simultaneamente, pouco mais de 6 milhões de espectadores, segundo o site PlayBoard, que disponibiliza métricas da plataforma.

Por lógica, o Brasil, que não vence uma Copa do Mundo desde 2002, recebe audiência pois os brasileiros ainda gostam de futebol. Mas a parte verdadeira é: sim, brasileiro gosta de ganhar. Na verdade, todo mundo gosta de ganhar, mas a ideia da

reflexão é: se não ganhar, não assiste. No entanto, a afirmação ganha sentido ao tratarmos de outros esportes, o que introduz a problematização deste trabalho: como a mídia lida com brasileiros que se destacam em esportes que não são populares?

Ayrton Senna e Guga, citados no parágrafo anterior, são dois exemplos de brasileiros que se destacaram em outros esportes. Seus nomes são lembrados até hoje como referências esportivas no Brasil por terem conseguido um lugar ao sol fora do futebol. Mas existe um outro exemplo marcante que também foi dono de grande destaque enquanto esteve no auge: Henrique Mecking, o Mequinho, maior enxadrista brasileiro de todos os tempos, que ascendeu de maneira jamais vista dentro do nosso país. Até hoje, nenhum outro jogador de xadrez nascido no Brasil chegou próximo de Mequinho quando se fala em destaque mundial e, principalmente, colocação no ranking mundial de enxadristas.

A proposta é analisar o conteúdo produzido em momentos marcantes da carreira de Mecking dos pontos de vista jornalísticos da relevância, valor-notícia, hierarquia jornalística e enfoque dos conteúdos. O presente trabalho busca utilizar de duas áreas da pesquisa para chegar às suas conclusões, sendo elas a análise qualitativa e quantitativa. No que tange à análise qualitativa, para chegar às suas conclusões, apoia-se no método da técnica de análise de conteúdo descrita por Laurence Bardin (1970), atribuindo os princípios desta para uma análise qualitativa do material selecionado utilizando critérios jornalísticos pré-estabelecidos.

A razão para este é observar a qualidade das matérias selecionadas, analisadas propositalmente em ordem cronológica para fazer uma observação geral da carreira do personagem principal, observando os aspectos do texto em geral, tais como o tratamento que se dá para o esporte xadrez, a forma como o personagem Henrique Mecking foi construído ao longo do tempo, possíveis desvios de foco das matérias ao longo do período selecionado e o valor-notícia refletido nos elementos textuais.

O *corpus* da análise é constituído por 9 matérias selecionadas em momentos relevantes da carreira de Henrique Mecking entre 1966 e 1979, veiculados pelo jornal O Estado de São Paulo, o Estadão. Justifica-se a escolha do conteúdo publicado no periódico Estadão por algumas razões. A primeira, que torna o jornal apto para abrigar o corpus analisado, é a sua relevância no jornalismo nacional: datado de 1875, o

quase sesquicentenário periódico é um dos mais relevantes do país. Abrangendo o período final do século XIX, ou seja, estando presente em 3 séculos diferentes, torna-se extremamente relevante como ferramenta de consulta histórica.

Estes fatos não colocam o Estadão num patamar diferenciado de todos os outros, já que outros periódicos ainda em circulação, e até mesmo outros que não mais existem, também abrangem períodos relevantes da história nacional, e também possuem conteúdo que poderia ser analisado. Aliás, este trabalho não despreza as publicações de outros periódicos: jornais como Folha de São Paulo, da capital paulista, são utilizados como fonte histórica para descrever a história de Henrique Mecking no capítulo 3, justamente por possuírem material relevante para tal.

A relevância histórica e a ampla importância para a mídia nacional lhe colocam na qualidade de ser um candidato para o corpus analisado, não necessariamente precisaria ser o único escolhido. Porém, um fator especial levou à sua preferência para o presente tema: a presença de Herman Claudius van Riemsdijk na equipe do periódico. Seu nome será abreviado ao longo do texto apenas como Herman Claudius, para fins de conveniência e uniformidade, escolhendo estes dois por ser a maneira que ele assinava as matérias.

Herman Claudius é um Mestre Internacional de xadrez nascido em 1948 nos Países Baixos, vindo para o Brasil com 10 anos de idade. Claudius morou em uma fazenda no Rio Grande do Sul quando veio ao Brasil, e aos 14 anos, foi morar sozinho em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Na capital gaúcha, passou a frequentar diariamente o Metrópole Xadrez Clube. O clube de xadrez existe desde 1937, sendo um dos mais antigos e tradicionais do país, e Herman o frequentou durante sua morada na cidade por 4 anos.

Posteriormente, mudou-se para Maringá, no Paraná, e depois algumas cidades paulistas, incluindo a própria capital do estado. Sem aprofundar muito na sua história de vida, mas não ignorando seu extenso currículo enxadrístico, destaca-se que Herman possuiu uma coluna semanal sobre xadrez no Estadão, um pequeno espaço na página de esportes onde ele atualizava as informações do esporte pelo Brasil. Sua passagem pelo jornal se iniciou em julho de 1970 e durou mais de 31 anos, sendo encerrada em novembro de 2001.

Listando as contribuições de Herman Claudius para o xadrez brasileiro, além de ter sido campeão brasileiro em 1970, 1973 e 1988, disputou 11 Olimpíadas de Xadrez com a equipe brasileira, entre os anos de 1972 e 1988. Ao contrário das tradicionais Olimpíadas, que são realizadas de 4 em 4 anos, as de xadrez acontecem com intervalos de 2 anos.

Além de iniciar os trabalhos como colunista do Estadão em 1970, também escrevia matérias ao estilo *hard news*, ou seja, de eventos factuais. Isso incluía as conquistas de Mequinho, frequentemente atuando como enviado especial nas competições internacionais que Henrique disputava. A qualidade do conteúdo enxadrístico certamente estaria segura nas mãos de Herman. Com a contribuição de uma pessoa com tamanha competência, julga-se adequado o critério de escolha do conteúdo publicado pelo Estadão baseado na presença de Herman na equipe, não apenas pela sua presença em si, mas por ter a presunção, que se confirmou ao longo da análise, de que o corpus abrigaria um conteúdo enxadrístico relevante para análise.

Além da análise, o trabalho elucida questões pertinentes de contextualização acerca do xadrez. Iniciando pela discussão de xadrez ser ou não um esporte, incluindo a história do jogo e seus predecessores. A dissertação também desmistificará o estereótipo de que o xadrez é um jogo reservado para pessoas com inteligência acima da média. Na última parte antes da proposição da análise, é apresentada a contextualização histórica do xadrez no período analisado, passando pela hegemonia da União Soviética e como ela usava o jogo como política estatal de propaganda. Também são abordadas questões da Guerra Fria e sua grande influência no xadrez da época.

A análise observou aspectos de matérias sobre Henrique Mecking em pontos marcantes de sua carreira, atentando para o trabalho do valor-notícia e a relação deste com a qualidade das matérias. A qualidade diz respeito aos principais assuntos abordados, observando o que foi priorizado pelo Estadão no conteúdo e dissertando sobre a relevância dos assuntos, o transparecer de domínio sobre estes e, olhando de maneira mais ampla ao corpus como um todo, como o periódico lidou com a imagem do enxadrista ao longo do período selecionado.

2 XADREZ: É UM JOGO, MAS É ESPORTE?

“Xadrez é guerra sobre o tabuleiro. O objetivo é esmagar a mente do adversário”. A frase atribuída ao ex-campeão mundial de xadrez Robert James Fischer, mais conhecido como Bobby Fischer, nos dá alguns sentidos sobre o jogo. Ao analisarmos alguns termos da frase, é possível compreender mais sobre a origem do xadrez, seus objetivos e, mais adiante, dissertar sobre a dúvida: xadrez é um esporte?

Começando pelo elemento da guerra. Fischer se referia, naturalmente, à guerra que é travada em cima do tabuleiro, em que os jogadores duelam através de suas peças. Mas o xadrez em si possui inspiração na guerra. O pai do xadrez moderno é o *chaturanga*, jogo criado na Índia por volta do século VI. Autores frequentemente citam a falta de evidências históricas para precisar a exata data e história do surgimento dos predecessores do xadrez, mas a versão mais compreendida, conforme Murray (1913), propõe que o jogo indiano se difundiu para a Pérsia, depois ao Mundo Árabe, chegando à Europa através da conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos. A invasão ocorreu no Século VIII, mas a difusão do jogo em si aponta para o Século X.

Deixando de lado os fatos históricos e abordando o elemento da guerra, a palavra *chaturanga* vem do idioma sânscrito que significa “quatro membros”. A palavra isolada possui vários sentidos, como por exemplo, os quatro membros do corpo humano, superiores e inferiores, na posição de ioga Chaturanga Dandasana. No entanto, os quatro membros referidos no jogo *chaturanga* são os 4 membros de um exército, referentes às peças utilizadas. O jogo era composto por 16 peças para cada jogador, de 6 tipos diferentes: o rei e o conselheiro, que não se enquadram nos membros do exército no sentido da palavra *chaturanga*, e também o elefante, a biga, o cavalo e a infantaria. Além, é claro, do campo de batalha, um tabuleiro com dimensões de 8x8 casas, totalizando 64.

Já difundido na Europa predominantemente católica, no Século XV, o xadrez moderno teria início com a troca da biga pela torre, o elefante pelo bispo e o conselheiro pela dama, mais condizentes com o modelo da Idade Média e do sistema feudal. Os movimentos das peças também foram alterados. O conselheiro, por exemplo, se movimentava uma casa na diagonal, enquanto a dama se movimenta

para frente e para trás, para os lados e para as diagonais, quantas casas o jogador quiser.

Tudo isso nos esclarece um fato: o xadrez é um jogo inspirado na guerra. Vários outros esportes surgiram desta maneira, citando como exemplo a famosa história do surgimento da maratona. Em 490 a.C., durante as guerras greco-pérsicas, o exército grego conquistava uma vitória na Batalha de Maratona. O soldado Fidípedes foi designado para correr 40 quilômetros entre as cidades gregas de Maratona e Atenas. Ao chegar em Atenas, ele anunciou a vitória e faleceu devido à exaustão. Esta não foi a origem das corridas de longa distância, mas foi a origem da prova mais famosa da modalidade e mais difundida no mundo quando, na primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896, realizados na própria cidade de Atenas.

Huizinga (1938) destaca o caráter lúdico da guerra. O ludismo, presente na cultura, envolve um sentimento irracional de divertimento ao realizar atividades. Muito associado aos esportes, o ludismo encontra espaço na guerra.

“Mesmo que os estadistas que preparam a guerra considerem esta uma questão de poder político, na grande maioria dos casos, os verdadeiros motivos podem ser encontrados menos nas “necessidades” da expansão econômica etc., do que no orgulho e no desejo de glória, de prestígios e de todas as pompas de superioridade”. Neste contexto, pode-se concluir que o xadrez, assim como outros esportes, nasce com um caráter lúdico e bélico.” HUIZINGA, 1938, p. 69)

Mais adiante na citação, adentrando na questão de xadrez ser um esporte ou não, nos deparamos com a palavra ‘mente’. Desde 1999, o Comitê Olímpico Internacional (COI) reconhece o xadrez como um esporte. Não fazendo parte dos Jogos Olímpicos, o xadrez possui suas próprias olimpíadas, realizadas majoritariamente a cada 2 anos desde 1927. A divergência está no modo de praticar o xadrez. Não é um esporte majoritariamente físico e, embora os jogadores possuam melhor capacidade de concentração e menos suscetibilidade ao desgaste e ao cansaço em longas competições quando estão em plena forma física, e torneios longos resultem em uma queima de calorias desproporcional à rotina do jogador, existe o consenso de que é um jogo da mente.

Embora não seja o foco central, apenas para fins de curiosidade e noção geral, o duelo pelo título mundial de xadrez em 1984, disputado entre o atual campeão

Anatoly Karpov, da Rússia, e Garry Kasparov, do Azerbaijão (ambos jogavam com a bandeira da União Soviética), teve 48 partidas antes de ser declarado encerrado para preservar a saúde dos jogadores. Quem vencesse 6 partidas primeiro seria o ganhador da disputa e, após Karpov abrir 5 a 0, Kasparov conseguiu uma recuperação, vencendo as duas últimas partidas antes da disputa ser suspensa e o placar ser finalizado em 5 a 3 para Karpov.

O russo, embora tenha retido seu título, perdeu 22 libras, aproximadamente 10 quilos, de peso corporal ao longo de 5 meses de disputa. Mesmo com a longevidade do match, nenhum dos dois jogadores queria que houvesse o fim da disputa, como mostrado no documentário *Two Kings for a Crown* (2015). Enquanto Kasparov contestou as autoridades da FIDE ao afirmar que estava em ascensão e que poderia vencer, Karpov se recusou a assinar o documento que suspendia o match em um primeiro momento, sucumbindo às autoridades em seguida.

Voltando à parte mental, o xadrez faz parte da Associação Internacional de Esportes da Mente (IMSA), e é classificado como tal. Com a ascensão dos E-Sports, a discussão, que é muito semelhante ao questionamento desportivo do xadrez, vem à tona. Vários dicionários de língua portuguesa definem o esporte como uma atividade física.

“1. Prática metódica de exercícios físicos visando o lazer e o condicionamento do corpo e da saúde; desporte, desporto.

2. O conjunto das atividades físicas ou de jogos que exigem habilidade, que obedecem regras específicas e que são praticados individualmente ou em equipe; desporte, desporto.” Dicionário Michaelis (2023).

“Prática regular de uma atividade que requer exercício corporal e que obedece a determinadas regras, para lazer, para desenvolvimento físico ou para demonstrar agilidade, destreza ou força (ex.: esporte escolar; fazer esporte; praticar esporte)”. Priberam (2023).

Desta forma, a classe dos jogos que são considerados esportes e não exigem esforço físico como principal meio de jogabilidade fica apenas distante deste requisito para atender se encaixar na definição. As regras do xadrez são bem definidas, e a

prática da atividade em nível profissional demanda alto rendimento, já que o aprimoramento da técnica demanda anos de estudo e treinamento rotineiro.

Existe a competitividade, e o ludismo é abandonado em competições oficiais, pois não importa a diversão e o prazer de jogar, mas sim derrotar todos os adversários. Em formato profissional, o xadrez não proporciona o prazer do jogo em primeiro plano. Nada impede os jogadores de amarem o que fazem, inclusive isso é quase que um pré-requisito para insistirem ao alto nível, mas a verdade é que é uma competição como qualquer outra.

O xadrez também não conta com a sorte, já que as chances são praticamente iguais para os dois jogadores. Henrique Mecking, em entrevista ao programa *The Noite com Danilo Gentili*, em 4 de outubro de 2021, comentou a ausência do elemento sorte no xadrez: “É considerado esporte. Não existe sorte, como em dados ou baralho de cartas. Quando um jogador de xadrez for muito superior ao outro, se jogarem 10 partidas, ele ganha as 10, não perde nenhuma”.

2.1 XADREZ E INTELIGÊNCIA: É ESPORTE PARA GÊNIOS?

Diversos personagens pensados para parecerem inteligentes em filmes e séries ganham o incremento da prática do xadrez para reforçar a adoção da imagem de genialidade que o público cria em torno deles.

Recentemente, em um exemplo fora das telas de entretenimento, a famosa grife francesa Louis Vuitton, produtora de artigos de luxo, utilizou o xadrez e o futebol para fazer uma campanha publicitária em novembro de 2022. O período era anterior à Copa do Mundo, e o esporte que mais estava em pauta era o futebol. Para a campanha, a marca utilizou o português Cristiano Ronaldo e o argentino Lionel Messi, dois dos personagens mais importantes do esporte no século XXI. Na campanha, eles apareciam jogando xadrez em cima de uma mala da Louis Vuitton, cuja superfície do produto era semelhante à um tabuleiro oficial do jogo (Figura 1).

A imagem reforça o estereótipo do xadrez, um esporte mental de alta complexidade como sinônimo de inteligência. Outro exemplo que pode ser citado é o do personagem Professor, da série *La Casa de Papel*, disponível no serviço de streaming Netflix. Na série, ele comanda uma quadrilha de assaltantes que fazem um

sequestro na Casa da Moeda da Espanha com um plano complexo de imprimir dinheiro e sair do local.

Figura 1 - Propaganda da Louis Vuitton com Messi e Cristiano Ronaldo



Fonte: Instagram @cristiano

O Professor faz o papel de arquiteto do plano, sendo o principal detentor das soluções para os problemas dos personagens ao longo da trama. Em seu quartel-general, como é mostrado na série, ele possui um tabuleiro de xadrez com as peças dispostas de maneira que se encontram em fase de meio jogo (Figura 2). Pouco explorado em questão de complexidade, como é trazido pela mexicana Aida Sifuentes, em uma breve análise do elemento enxadrístico na série no site chess24, um dos maiores do mundo, o jogo acaba sendo um elemento ornamental para dar um elemento visual demonstrando que o Professor pensa profundamente em suas táticas para resolver os problemas.

Figura 2 - Cena da série La Casa de Papel



Fonte: Netflix

No filme *Sherlock Holmes: O Jogo de Sombras*, o protagonista Sherlock Holmes e o antagonista James Moriarty jogam xadrez na cena final, após Holmes impedir o plano de Moriarty de iniciar uma guerra entre países europeus (Figura 3). Na cena, ao mesmo tempo em que pensam sobre o jogo, discutem sobre os fatos ocorridos na trama, como se houvesse uma congruência clara entre a partida disputada e a cena.

Figura 3 - Cena do filme Sherlock Holmes: O Jogo de Sombras



Fonte: Amazon Prime Video

A congruência fica ainda mais em evidência quando Holmes permite que sua dama seja capturada, um dos estilos mais perigosos de jogadas no xadrez, entregando a peça mais valiosa do jogo, para suceder em uma sequência de lances que levam ao xeque-mate. Moriarty, ao perceber que Holmes permitiu a captura da dama, acreditou que a partida estava ganha e levantou-se da mesa.

Os dois continuam conversando sobre o plano e, ao mesmo tempo que o protagonista inicia a revelação de como conseguiu roubar toda a fortuna do vilão Moriarty, referida no diálogo, a sequência de xeque-mate começa a se desenhar. Esta segunda parte da cena ocorre com os dois levantados, sem olhar para o tabuleiro, reforçando a ideia de grande memória e raciocínio. Conforme Holmes segue contando sobre o roubo da fortuna do vilão, eles seguem jogando e, ao mesmo tempo que é revelado o sucesso de seu plano, o personagem anuncia o xeque-mate no tabuleiro.

2.2 O ESTEREÓTIPO É UM EQUÍVOCO

Através dos exemplos, percebe-se que o xadrez é um sinônimo de inteligência elevada entre os praticantes. O artigo *Intelligence and Chess* (2015), dos pesquisadores Fernand Gobet (The London School of Economics and Political Science-LSE) e Guillermo Campitelli (Murdoch University) reuniu uma série de estudos realizados no Século XX para analisar a inteligência dos jogadores de xadrez de variadas idades em relação ao resto da população.

Os estudos são analisados baseando-se na Teoria das Inteligências Múltiplas, do psicólogo norte-americano Howard Gardner, da Universidade de Harvard, que não coloca a inteligência humana como uma unidade, mas dividida em diversas áreas, sendo elas: lógico-matemática, linguística, interpessoal, intrapessoal, corporal, espacial, musical, naturalista e existencial. Sem se aprofundar em todas, a análise de Gobet e Campitelli, baseada na teoria de Gardner, concluiu que algumas habilidades de jogadores de xadrez eram superiores às demais pessoas.

A conclusão foi baseada no seguinte estudo: em 1987, os psicólogos Ulrich Mayr e Jörg Doll pegaram uma amostra de 27 jogadores de xadrez com ratings entre 2220 e 2425. Considerando que o rating geral sofreu uma forte inflação desde a época do estudo, cerca de 130 pontos desde 1985, conforme o analista estatístico de xadrez

Jeff Sonas, pode-se afirmar que parte da amostra teria nível mínimo hoje, ao menos, para se tornar Mestre Internacional de Xadrez (mínimo de 2400 pontos de rating).

A idade média dos 27 jogadores era de 25,7 anos. Para a comparação, foi utilizado um grupo de 88 não-jogadores, com idade média de 24,8 anos. Aos 115 participantes, foi aplicado o Modelo Estrutural da Inteligência de Berlim (BIS), um teste que busca medir o desempenho intelectual baseado em 7 campos da inteligência, divididos em 2 partes: a parte de conteúdo (inteligência verbal, visuoespacial e numérica) e a operacional (raciocínio, velocidade, memória e criatividade). No teste, os campos são cruzados através de exercícios que reúnem uma área de conteúdo e uma área operacional, até que todas tenham sido verificadas. Em um dos exercícios que cruza a inteligência visuoespacial e a velocidade, por exemplo, propõe aos participantes desenharem quantos objetos diferentes conseguirem utilizando figuras geométricas.

Nos resultados, os jogadores de xadrez foram melhores nas áreas de raciocínio, velocidade e inteligência numérica, fatores ligados direta ou indiretamente ao xadrez. Mas, por exemplo, na área visuoespacial, que está diretamente ligada ao jogo, não houve destaque por parte dos jogadores em relação à amostra dos não-jogadores, e isso pode ser considerado surpreendente, já que a área visuoespacial é basicamente a área que representa a visualização do tabuleiro, ou seja, o jogador precisa olhar para o tabuleiro (ou imaginá-lo, como na modalidade de xadrez às cegas) para estabelecer a coordenação entre as peças.

A conclusão foi de que, em parte, os jogadores de xadrez possuem habilidades acima da média em relação à não jogadores, principalmente em áreas relacionadas ao jogo. No entanto, ter algumas habilidades acima da média não é exclusividade dos jogadores de xadrez. Um estudo conduzido pelo psicólogo sueco Torbjörn Vestberg entre junho e outubro de 2007, e divulgado pela revista Plos One em abril de 2012, mostrou que jogadores de futebol também possuem habilidades acima da média em questões de raciocínio e velocidade.

Os testes utilizados por Vestberg e sua equipe foram do Delis-Kaplan Executive Function System (D-KEFS), um conjunto de 9 exames para avaliar funções executivas relacionadas à cognição, pensamento e velocidade de solução. Em especial, o Design Fluency (DF), um desses 9 testes, foi tido como principal, pois foi considerado como

o único contendo funções de avaliação de áreas importantes para o futebol. O DF é um teste psicomotor utilizando pontos em uma superfície, em que o participante deve ligá-los com uma caneta com o máximo de combinações possíveis, sem repetir as respostas anteriores, tudo isso em um tempo limite de 60 segundos. Ele abrange as áreas de resolução de problemas, velocidade, habilidade de criação de padrões visuais e criatividade.

Para este teste, foram utilizados jogadores de divisões superiores e inferiores do futebol da Suécia. A divisão se deu através da seguinte maneira: em um total de 57 participantes, 14 homens e 15 mulheres da mais alta divisão do futebol sueco, com média de idade de 25,3 anos, formaram o grupo principal. O outro grupo comparativo foi formado por 17 homens da 3ª divisão sueca e 11 mulheres da 2ª divisão, com média de idade de 22,8 anos. O teste DF apontou melhores resultados nos jogadores em relação à população em geral. Na verdade, o resultado foi excelente: jogadores da primeira divisão ficaram no grupo dos 5% melhores resultados em comparação com a população, mostrando que são superiores nas áreas que o teste abrange.

Diante deste fato, pode-se concluir que habilidades acima da média não são restritas aos jogadores de xadrez, e que, mesmo que seja um jogo envolvendo muita estratégia e planos, associá-los diretamente à uma inteligência geral acima da média é um grande equívoco. A inteligência acima da média por parte dos enxadristas muitas vezes limita-se às áreas relacionadas ao próprio xadrez, não necessariamente com outras habilidades em geral relacionadas à outras áreas da inteligência humana.

3 O FENÔMENO MEQUINHO – INFÂNCIA E ASCENSÃO

Antes de ler sobre Henrique Mecking, mais conhecido como Mequinho, é necessário ter em mente que ele foi, de longe, o maior enxadrista de toda a história do Brasil. O termo ‘de longe’ se deve ao fato de que, em seu auge, atingiu a marca da terceira maior pontuação da Federação Internacional de Xadrez (FIDE), atrás dos jogadores da União Soviética Anatoly Karpov (campeão mundial) e Viktor Korchnoi. Antes de ser forçado a se afastar dos tabuleiros em 1978 por conta de uma miastenia grave, rara doença autoimune que ataca os músculos do corpo, ele disputou duas vezes o Torneio de Candidatos, o segundo torneio de xadrez mais importante do mundo, que dá ao vencedor o direito de enfrentar o campeão mundial, sendo esta sim a disputa mais importante.

Resumir a carreira de Mequinho à duas participações no Torneio de Candidatos, claro, não é possível, e é feita apenas por conveniência para trazer ao leitor uma dimensão rápida de quem foi o brasileiro no cenário do xadrez nacional. No livro *Mequinho - O Xadrez de um Grande Mestre* (2015), escrito pelo entusiasta de xadrez Adriano Caldeira, como ele mesmo se define, apesar de deter a titulação de Mestre FIDE, e pelo próprio Mecking, Caldeira conta como conheceu pessoalmente o jogador, em 1994, nos Jogos Abertos do Interior de São Paulo, disputado em Araraquara:

“Naquela ocasião, Henrique Mecking havia acabado de empatar uma partida com Gilberto Milos, que, na minha opinião, é o mais forte enxadrista que surgiu no Brasil depois dele”. (CALDEIRA, 2015, p. 5 e 6.)

O paulistano Gilberto Milos, de acordo com os registros da FIDE, teve seu auge em outubro de 2000, quando tinha a 38ª maior pontuação do mundo. A diferença do 3º lugar de Henrique Mecking para o 38º de Gilberto Milos mostra que Mequinho foi um ponto fora da curva no xadrez nacional.

Mequinho nasceu em 23 de janeiro de 1952 em Santa Cruz do Sul, no interior do Rio Grande do Sul. Ainda com meses de vida, mudou-se para a também cidade gaúcha de São Lourenço do Sul. Aprendeu a jogar xadrez aos 5 anos de idade, com sua mãe. Como ele contou em entrevista ao canal Xadrez Brasil, sua mãe havia lhe comprado um tabuleiro de dupla face, em que servia para damas de um lado e xadrez

de outro. Ele começou jogando damas e, em pouco tempo, já derrotava os adultos. Foi aí que partiu para o xadrez, ficando curioso para saber como funcionava o jogo.

Com 8 anos, mudou-se novamente, desta vez para Pelotas. Aos 13 anos, em 1965, venceu o Campeonato Brasileiro de Xadrez, feito que viria a repetir em 1967, já com 15 anos. Também em 1967, venceu o Torneio Zonal da América do Sul, se tornando o mais jovem enxadrista a ser campeão continental, e também lhe deu o título de Mestre Internacional, segunda maior titulação enxadrística possível. O torneio, na verdade, foi disputado em 1966, com 4 enxadristas empatando na primeira colocação: Mequinho e os enxadristas argentinos Oscar Panno, Julio Bolbochán e Alberto Foguelman. No entanto, o desempate, que reuniu os 4 primeiros colocados, foi disputado em 1967, por isso, considera-se o jogador campeão sul-americano em 1967. Mequinho venceu com 3 vitórias e 3 empates. A primeira colocação em 1966, no entanto, lhe abriu as portas da Europa, como melhor explicado a seguir, no capítulo “O Primeiro Grande Mestre”. A escassez de torneios na América do Sul dificultava a vida daqueles que buscavam títulos no xadrez, tanto que, antes do feito, apenas o jogador Eugênio German (1930-2001) havia conseguido se tornar Mestre Internacional.

Para se conquistar o título, era necessário participar de torneios com jogadores titulados e atingir determinadas pontuações dentro deles, mas esses torneios dificilmente ocorriam na América do Sul, e não eram no Brasil, mas sim na Argentina. Na Europa, os torneios eram “fechados”, ou seja, era necessário ser convidado pela organização. É claro que o Brasil poderia organizar seus próprios torneios, afinal bastava ter a estrutura e qualquer país poderia fazê-lo, mas os custos dos torneios, somados com a falta de incentivo ao xadrez, não faziam do esporte o mais popular do país. Eugênio German, por exemplo, conseguiu seu título nas Olimpíadas de Xadrez de 1952, na Finlândia, pois a competição não era baseada em convites aos seus participantes.

3.1 O PRIMEIRO GRANDE MESTRE

Hoje, o Brasil conta, além de Mequinho, com outros 14 Grandes Mestres Internacionais, mas o pioneirismo foi do gaúcho, em 13 de janeiro 1972, dias antes de

completar 20 anos de idade. Além de uma pontuação de rating de ao menos 2500 para se conquistar a titulação, eram necessários torneios, como dito anteriormente. O total de participantes destes torneios deveria respeitar a seguinte porcentagem: ao menos 50% deveriam ser Grandes Mestres e 25% deveriam ser Mestres Internacionais. Os outros 25% poderiam ser jogadores sem título. No entanto, essas competições aconteciam quase que exclusivamente no continente europeu.

Um detalhe importante é que o sistema de rating, criado pelo húngaro Arpad Elo, foi introduzido oficialmente pela FIDE em 1971 como requisito para o ganho de titulações enxadrísticas. O sistema envolve um cálculo complexo que concede ou retira uma determinada quantidade de pontos de um jogador ao fim de uma partida, dependendo do resultado e da pontuação de seu adversário. Por exemplo: se um jogador de pontuação inferior vence um de pontuação superior, ele ganha uma certa quantidade de pontos, mas se o jogador de pontuação superior vence, ele recebe menos pontos. Aquele que empata com um jogador de pontuação superior ganha pontos, enquanto o adversário perde.

Quase 200 torneios eram jogados por ano dentro do continente. A abundância de competições, somada ao incentivo governamental, especialmente nos países soviéticos, fazia com que fosse muito mais fácil viver de xadrez e ganhar titulações no velho continente. A Argentina organizava torneios anualmente e, mesmo que não chegasse perto da União Soviética em questões de tradição, certamente estava anos-luz à frente do Brasil nesse quesito: quando Mequinho ganhou seu título, o país vizinho já contava com 7 Grandes Mestres e 30 Mestres Internacionais.

Sobre os custos dos torneios: os jogadores de xadrez não pagavam para jogar, muito pelo contrário. Cada jogador internacional convidado recebia, pelo menos, 1 mil dólares, além dos custos de passagem e estadia, fora os 30 mil cruzeiros que seriam pagos de premiação aos primeiros lugares. O norte-americano Bobby Fischer que, naquele ano, quebraria a hegemonia da União Soviética no topo do xadrez mundial, cobrava 5 mil dólares para participar de torneios. Já que eram necessários convites, pois que convidassem: Mequinho jogou seu primeiro torneio intercontinental na Inglaterra em 1966.

O Torneio de Hastings 1966 foi sua estreia no continente europeu, após o Torneio Zonal da América do Sul lhe ter aberto as portas do resto do mundo.

Começava então sua busca pelo título de Grande Mestre. Os torneios eram divididos entre categorias: os de categoria A atendiam aos requisitos de porcentagem para serem válidos ao título, e os de categoria B contavam com a participação de Grandes Mestres, mas não atendiam ao requisito da porcentagem (o que não facilitava tanto assim a vida do jogador, já que o nível de dificuldade ainda era alto).

Em um torneio, é possível fazer determinado número de pontos. No xadrez, as pontuações são divididas entre 1 (vitória), $\frac{1}{2}$ ou 0,5 (empate) e 0 (derrota). Em um torneio com 10 participantes, em que cada um joga 9 partidas, é possível fazer 9 pontos. O requisito para ganhar a titulação de Grande Mestre através de torneios na categoria B, caminho trilhado por Mequinho, era fazer 60% dos pontos possíveis em 2 torneios em um intervalo menor do que 3 anos. Após 7 tentativas, veio o primeiro triunfo, no Torneio Bora Kostić Memorial 1971, realizado na cidade de Vršac, antiga Iugoslávia, atualmente uma cidade da Sérvia. Com 8 vitórias e 6 empates, Mequinho fez 11 pontos em 15 possíveis, alcançando seu primeiro objetivo.

A glória final veio quando Mequinho voltou a participar do torneio de Hastings, em 1972. Eram 16 participantes, ou seja, 15 possíveis pontos. Para atingir a meta, eram necessários 9 pontos, que correspondiam aos 60% necessários. Após 13 rodadas, ele somava 8,5 pontos, após 5 vitórias, 7 empates e apenas uma derrota, esta para Anatoly Karpov, que seria campeão mundial em 1975. Um empate bastava para que a meta fosse alcançada, e ainda restavam duas rodadas.

O adversário era da Romênia: Victor Ciocâltea, que também era Mestre Internacional e viria a ganhar o título de Grande Mestre em 1978. O romeno jogava com as peças brancas e, após 15 lances seus e 14 de Mequinho, os jogadores entraram em um acordo pelo empate. Mequinho não queria se complicar e arriscar perder a chance em suas mãos, por isso, os 2 jogadores mal saíram da teoria de aberturas para entrar na fase de meio jogo e já empataram. Na última rodada, Mequinho empatou com o lendário jogador da Suécia, Ulf Andersson, que mais tarde viria a ser seu analista no Torneio de Candidatos em 1974.

No entanto, pouco importou o empate contra o sueco, e muito menos o fato de o brasileiro ter finalizado o torneio em 3º lugar. Estava feito, o Brasil tinha seu primeiro Grande Mestre. Os jornais não esperaram o torneio acabar para dedicar páginas

inteiras ao grande feito. A Folha de São Paulo fez a edição de esporte em 14 de janeiro de 1972 com 4 páginas, sendo que cada uma era dividida em 8 colunas.

Com a última rodada do torneio ainda por acontecer, a primeira página foi dividida da seguinte maneira: duas colunas foram dedicadas ao casamento do tenista brasileiro Thomas Koch, ao treino da seleção brasileira de basquetebol com o técnico auxiliar, para se preparar para a VI Copa Intercontinental de Seleções e à inauguração do Autódromo Juan Manuel Fangio, na Argentina. As outras 6 foram dedicadas a contar minuciosamente o feito de Mequinho, com uma foto enorme do brasileiro em 4 colunas de largura e quase meia folha de altura, abaixo da manchete “Mequinho é Grande Mestre Internacional”.

O Estado de São Paulo tinha 3 páginas dedicadas ao esporte, e Mequinho ficou com a terceira. No entanto, ao contrário da Folha de São Paulo, a página foi inteiramente dedicada ao primeiro Grande Mestre do Brasil. “O Grande Mestre Mequinho chega terça-feira”, essa era a manchete. Pouco importava se o torneio ainda estava sendo disputado, tampouco a colocação final de Mequinho, afinal, a meta estava cumprida.

Na manhã do dia 18 de janeiro de 1972, no Aeroporto do Galeão, cidade do Rio de Janeiro, o enxadrista desembarcou com recepção da bateria de samba da Mangueira e da ala jovem da torcida do Flamengo. Faixas, samba, homenagens e o calor de um povo aguardavam aquele que havia levado o xadrez do Brasil a outro nível. Mais do que elevar o xadrez, ele havia se tornado um representante do Brasil em um esporte, até então, muito pouco popular. Tal como Ayrton Senna fez, anos mais tarde, na Fórmula 1, Mequinho virava motivo de orgulho aos brasileiros, um depósito de esperanças. Após a recepção, seguiu em um caminhão do Corpo de Bombeiros pelas ruas do Rio de Janeiro.

Ainda era cedo da manhã, fato que talvez tenha impedido muita gente de ovacioná-lo, mas ainda assim houve presença de público no desfile. O destino do caminhão era a Universidade Gama Filho, onde já lecionava xadrez. O próprio Ministro Gama Filho lhe entregou uma placa de ouro em nome da universidade como forma de homenagem. No discurso de entrega da placa, Gama Filho ressaltou as esperanças que se depositavam no jovem Mequinho: “- Esta placa de ouro significa o apreço e a admiração de todos nós. Ela é simples, mas representa o nosso

reconhecimento pelo que você tem feito em prol do nome do Brasil. Aqui, esta plataforma simboliza o pedestal da glória, onde o esperamos com o título mundial de xadrez. Você é jovem e de você muito esperamos”.

Uma recepção no aeroporto, homenagens, desfile com o caminhão do Corpo de Bombeiros, já era um enorme reconhecimento ao mestre. Mas ainda lhe restava mais uma homenagem, feita no templo mais sagrado do esporte mais popular do país. No Torneio de Verão de 1972, quase 30 mil pessoas estavam nas arquibancadas do Maracanã para assistir o confronto entre Flamengo e Vasco. Sim, 30 mil pessoas não são muita coisa, se considerarmos que o Maracanã abrigava partidas com mais de 150 mil pessoas nesta época. Mas o torneio não tinha tanta relevância, era apenas uma competição amistosa de pré-temporada em que, naquele ano, participavam Flamengo, Vasco e a equipe portuguesa do Benfica. Antes da partida, que acabou em vitória rubro-negra por 1 a 0 sobre os vascaínos, com gol de Paulo César Caju, Mequinho entrava em campo com as equipes, onde foi aplaudido e ovacionado pela tribuna do estádio.

3.2 RESTANTE DA DÉCADA DE 1970: A ASCENSÃO AO PÓDIO MUNDIAL

As esperanças de que o Brasil pudesse conquistar o título mundial de xadrez na década de 1970 não paravam de aumentar e, na sequência de sua carreira, agora como Grande Mestre, Henrique Mecking deu vários motivos para as tais esperanças fossem cada vez maiores. Ninguém havia chegado aonde ele chegou, mas voos ainda maiores seriam alcançados nos anos seguintes, principalmente com a conquista de um dos torneios mais fortes do mundo: o Torneio Interzonal de Petrópolis 1973.

Torneio Interzonal era um torneio com jogadores do mundo inteiro, organizado pela FIDE, para definir os classificados para o Torneio de Candidatos. Antes de 1973, a FIDE realizava um único Torneio Interzonal para cada ciclo de disputa do campeonato mundial, que durava 3 anos. Mas, como o intuito de aumentar o número de jogadores, passou a indicar parte deles por pontuação, enquanto a outra parte continuaria sendo indicada pelos Torneios Zonais. Com o aumento do número de jogadores, a federação passou a organizar 2 Torneios Interzonais, ao invés de apenas 1.

Em 1972, Ronald Câmara, o vice-presidente da Confederação Brasileira de Xadrez (CBX) e sobrinho do arcebispo Dom Hélder Câmara, conseguiu trazer um desses torneios para o Brasil. Após grande esforço, a cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, conseguiu organizar uma estrutura básica para receber o torneio, que foi disputado por 18 jogadores de 12 países diferentes. A maior delegação vinha da União Soviética, com 6 jogadores ao todo. Mecking era o segundo jogador mais jovem do torneio, atrás de Werner Hug, Mestre Internacional da Suíça, vencedor do Campeonato Mundial de Xadrez Júnior em 1971. No entanto, se considerarmos apenas os jogadores de grande destaque mundial, o jogador brasileiro era o mais novo Grande Mestre do torneio. Werner Hug nunca chegou a ganhar a titulação.

O final do torneio foi emocionante: Henrique Mecking encerrou sua última partida com um empate rápido diante do Grande Mestre sérvio Ljubomir Ljubojević, chegando à 12 pontos, com 7 vitórias e 10 empates, com destaque para a vitória sobre o ex-campeão mundial Vasily Smyslov, da Rússia. No entanto, as outras partidas seguiam acontecendo, e havia dois jogadores que poderiam igualar sua pontuação: o soviético Efim Geller e o húngaro Lajos Portisch. Geller empatou com o argentino Oscar Panno, e a emoção final ficou por conta do confronto entre Portisch e Lev Polugaevsky, da União Soviética.

“Todas as atenções concentraram-se, então, na partida Polugaevsky – Portisch, uma verdadeira batalha-chave psicológica para estabelecer a classificação final. Após a troca de damas no lance 11, as brancas ficaram com uma pequena vantagem posicional. Usando uma excepcional energia, Polugaevsky ganhou um peão numa partida aberta que foi até o lance 39, quando o então invicto Portisch teve que se render finalmente. O público, que superlotava o salão de jogos, começou a ovacionar - Mequinho! Mequinho! - para em seguida gritar Polugaevsky! Polugaevsky!, em agradecimento ao herói do triunfo brasileiro”. (COSTA JÚNIOR, 2013, p. 8.)

A vitória concedeu à Mecking o direito de ingressar no Torneio de Candidatos, o torneio mais forte do xadrez, que dá ao vencedor a chance de enfrentar o campeão mundial. Nenhum outro brasileiro na história, até os dias atuais, chegou a disputá-lo.

O Torneio de Candidatos hoje é disputado em um sistema em que todos os jogadores se enfrentam duas vezes, iniciando uma das partidas com as peças brancas (primeiro lance) e outra com as peças pretas (lance de resposta). Porém, em 1974, quando Mecking disputou o torneio pela primeira vez, o sistema era eliminatório entre

os 8 candidatos, sendo que, em cada confronto, o primeiro a vencer um determinado número de partidas avançava para a fase seguinte (nas quartas de finais eram necessárias 3 vitórias, nas semifinais eram 4, e a final 5).

Mecking foi emparelhado com o soviético Viktor Korchnoi, que era listado como o terceiro melhor jogador do mundo na época, enquanto o brasileiro era o terceiro. Korchnoi venceu a disputa após 13 partidas, com 3 vitórias, 1 derrota e 9 empates, eliminando o brasileiro daquele ciclo. O próprio Korchnoi reconheceu que Mequinho poderia ter vencido a 13ª partida, caso tivesse feito uma determinada sequência de lances no meio-jogo.

As semifinais do torneio foram disputadas por 4 soviéticos: além de Viktor, avançaram para a semifinal o último campeão mundial Boris Spassky, que perdeu seu título para o americano Bobby Fischer 2 anos antes, Tigran Petrosian, outro então ex-campeão mundial, e Anatoly Karpov. Nas semifinais, Korchnoi venceu Petrosian e Karpov venceu Spassky e, na finalíssima, após 24 partidas, Karpov venceu o match por 12,5 a 11,5. Como dito anteriormente, quem conseguisse 5 vitórias na final primeiro era o campeão, mas havia o limite imposto de 24 partidas. Como, após o 24º duelo, Karpov estava à frente na pontuação, com 3 vitórias e 2 derrotas, o título foi para suas mãos. No próximo capítulo, será aprofundada a questão do xadrez na União Soviética, mas é possível adiantar que Bobby Fischer não defendeu seu título, e Karpov foi declarado campeão mundial após vencer o Torneio de Candidatos de 1974.

Ainda em 1974, aconteceu um episódio nas Olimpíadas de Xadrez, disputadas em Nice, na França, que abalaria o prestígio de Henrique Mecking sobre a nação: ele se recusou a jogar partidas no começo e no fim do torneio sob a alegação de cansaço, desfalcando a equipe brasileira e contribuindo para um mal resultado. A gota d'água chegou quando, após o confronto entre o Brasil e a União Soviética, em que Mecking enfrentou Boris Spassky, o brasileiro se recusou à jogar a próxima partida, em um confronto direto contra a Escócia valendo uma classificação.

Desta maneira, foi declarado W.O. e o Brasil começou o duelo contra os escoceses em desvantagem. Nas Olimpíadas de Xadrez, o duelo entre países funciona da seguinte forma: 4 jogadores enfrentam 4, e quem fizer mais pontos vence, além de que cada ponto é contabilizado no placar final, ou seja, vencer por 4 a 0 era melhor do que vencer por 3 a 1.

A versão do enxadrista Alexandru Segal, membro da delegação brasileira, foi de que chegou a encontrar Mequinho passeando pelas ruas de Nice, e insistiu para ele jogar, alegando que seus companheiros contavam com ele. “O problema é deles” teria sido a frase de resposta de Henrique, antes de continuar seu passeio e enfurecer seus companheiros de equipe.

No próximo ciclo de campeonato mundial, em 1976, outra grande conquista: o Interzonal de Manila, disputado na capital das Filipinas, foi vencido pelo brasileiro. A segunda grande conquista, desta vez, não veio de maneira invicta, mas é igualmente importante. Mecking venceu o torneio com 13 pontos, 0,5 à frente do soviético Lev Polugaevsky. Sua única derrota foi para Boris Spassky, que terminaria o torneio na 10ª colocação. Vencido o segundo Interzonal, o rumo era o segundo Torneio de Candidatos de sua vida. O adversário era o próprio Polugaevsky.

No confronto contra Polugaevsky, em 1977, novamente Mequinho caiu na primeira fase do torneio. O “herói” da conquista em Petrópolis agora seria seu algoz em Lucerna, na Suíça. A segunda partida do *match* foi a que rendeu a vitória para o soviético, enquanto todas as outras 11 acabaram em empate, frustrando novamente os sonhos do brasileiro de ser campeão mundial. Mecking foi diagnosticado com a sua doença apenas em 1978, mas dizia que já sentia seus efeitos neste confronto.

Aliás, em 1978, seu auge foi atingido: era o terceiro maior rating mundial, atrás apenas de Viktor Korchnoi e do campeão mundial Anatoly Karpov. No entanto, a miastenia grave, uma doença que afeta os músculos do corpo e que pode levar a morte, chegou para interromper a carreira de Henrique Mecking. Com o diagnóstico, veio o enfraquecimento de seus músculos: ele teve muitos problemas locomotores na época e não conseguiu continuar jogando xadrez. Em 1979, chegou a iniciar o Torneio Interzonal do Rio de Janeiro, empatando duas partidas, mas foi forçado ao abandono logo em seguida.

Mecking voltou aos tabuleiros de maneira oficial somente em 1991, porém nunca mais conseguiu ficar próximo de seu auge, sendo o ano de 1979 o ponto final da carreira daquele que conseguiu levar o Brasil mais longe em um esporte que não recebe muito incentivo no país. Hoje, Mequinho se diz 99% recuperado da doença e, com 71 anos, ainda não viu qualquer brasileiro que chegasse perto de seu nível de prestígio no xadrez nacional.

3.3 MUNDO DO XADREZ NO PERÍODO ANALISADO

“A União Soviética se destacou em apenas duas coisas: guerra e xadrez”. (JOHNSON, 2007, p. 23.)

Para compreendermos como era o mundo do xadrez na época selecionada para análise, podemos separar o esporte em dois lados: o lado da União Soviética e o lado do resto do mundo. Parece simples demais fazer essa divisão, mas a verdade é que a política estatal enxadrística soviética, que deu seus primeiros passos após a Revolução Russa de 1917, estava a todo vapor em 1967, fabricando enxadristas atrás de enxadristas, campeões mundiais atrás de campeões mundiais.

Brasileiros se orgulham do futebol, mas os soviéticos se orgulhavam do xadrez. Após a Revolução Russa e o fim da política czarista, o plano do novo regime foi transformar o xadrez em um esporte de massas e usá-lo como política contra o ocidente. Para ocidente, no mundo do xadrez, entende-se a Europa além da influência soviética, podendo ser colocada mais tarde, no período da Guerra Fria, como Europa além da Cortina de Ferro, ou Europa Ocidental, e também os Estados Unidos. A Europa Ocidental e os Estados Unidos eram as principais potências que poderiam enfrentar os soviéticos no xadrez, mas o que se sucedeu foi um amplo domínio da URSS no esporte.

A política consistia em patrocinar torneios, privilegiar enxadristas, fazendo com que eles pudessem viver apenas de xadrez, se dedicando inteiramente ao esporte sem preocupações, e usar toda a formação como propaganda intelectual. Mikhail Botvinnik, o principal precursor de todo esse processo e primeiro soviético campeão mundial após a Segunda Guerra, começou a receber investimentos e privilégios na década de 1930.

Ele foi campeão soviético em 1931, e já havia demonstrado seu grande potencial para conquistar o topo do xadrez mundial ao longo da década. Durante a invasão alemã, o próprio Botvinnik foi protegido e enviado para longe da guerra, podendo continuar sua preparação para o futuro. Após a guerra, em 1946, a União Soviética financiou uma disputa entre ele e o atual campeão mundial, Alexander Alekhine.

Alekhine, russo de nascimento, ex-campeão soviético e com cidadania francesa, possuía o status de *persona non grata* na URSS, além de ser acusado pela nação de colaborar com os nazistas durante a Segunda Guerra. Ele adquiriu nacionalidade francesa durante década de 1920, conquistando o título mundial em 1927, derrotando o então campeão José Raúl Capablanca, de Cuba.

A vitória de Alekhine foi uma surpresa para todos, já que Capablanca era visto como imbatível. A verdade é que Alekhine tinha mais dedicação ao xadrez, enquanto o cubano “apostava” em seu talento natural. Ninguém chega ao topo do mundo no xadrez sem estudos profundos, e Capablanca não era diferente, mas Alekhine era mais avançado nessa parte. Logo após a disputa, realizada em Buenos Aires, capital da Argentina, Alexander retornou à França, e foi organizado um banquete no Clube Russo de Paris para a comemoração do título.

No dia seguinte, jornais de emigrantes russos atribuíram a seguinte frase ao campeão no banquete: “o mito da invencibilidade dos bolcheviques deveria ser dissipado, assim como foi dissipado o mito da invencibilidade de Capablanca”. A frase não pegou bem entre os soviéticos, mesmo sem comprovação de que Alekhine teria realmente dito tais palavras ou quaisquer outras que teriam, de fato, ofendido o regime soviético.

“Como conheço os costumes da facção revolucionária dos guardas brancos, contatei pessoas que conheciam profundamente a vida dos russos residentes em Paris, e nenhum me assegurou que ele havia pronunciado tais palavras”. (KOTOV, 1975. p. 148.)

Mesmo assim, Nikolai Krylenko, então presidente da Federação de Xadrez da URSS, declarou o rompimento soviético com Alekhine, e o colocou como inimigo da nação. Krylenko era um revolucionário que ocupou diversos cargos dentro da União Soviética, incluindo os de procurador geral da República Socialista Federativa Soviética da Rússia e Comissário do Povo para a Justiça da União Soviética, último ocupado antes de ser vítima do Grande Expurgo promovido por Joseph Stalin, em 1938.

Retornando à Botvinnik, ele iria enfrentar Alekhine em 1946 pelo título mundial, mas o campeão veio a falecer em um hotel em Estoril, Portugal, enquanto se preparava para defender sua coroa. Não se sabe ao certo a causa da morte. Existe a hipótese de que foi um ataque cardíaco, mas também há a versão de que foi

assassinado pelo regime soviético. Até hoje, foi o único campeão mundial que faleceu durante o reinado.

Após o falecimento de Alekhine, começa o período que nos ajuda a compreender o xadrez a partir de 1967. Em 1948, foi organizado um torneio para a disputa do título. O formato era *round-robin*, o famoso ‘todos contra todos’. 5 jogadores jogavam 5 partidas entre si, ou seja, ao todo, cada um jogaria 20 partidas. Os participantes eram o próprio Botvinnik, os soviéticos Paul Keres e Vasily Smyslov, que seria campeão mundial anos depois, o neerlandês Max Euwe, ex-campeão mundial que seria presidente da FIDE entre 1970 e 1980, e o norte-americano Samuel Reshevsky, que foi o mais forte jogador dos Estados Unidos por muitos anos.

O local de disputa era a cidade de Haia, nos Países Baixos, mas após 10 rodadas, o torneio foi transferido para Moscou. Botvinnik venceu a disputa conquistando 14 pontos, com Smyslov em 2º fazendo 11 pontos, seguido por Keres e Reshevsky com 10,5 e Euwe, com apenas 4. O mundo só veria um campeão mundial de xadrez não-soviético em 1972.

Os soviéticos, então, foram sempre maioria no topo do mundo. Em 1967, o na lista de 10 maiores ratings da FIDE, apenas 3 eram de jogadores que não faziam parte da URSS. Essa média se manteve até 1974, quando 4 jogadores de fora da União Soviética adentraram o ranking. Mecking só chegou lá em 1976, na condição de 8º maior ranking mundial.

Entre 1948 e 1972, os jogadores desta nação disputaram o título mundial, quase que exclusivamente, entre si. Nenhum jogador de fora da União Soviética disputou um match pelo título mundial neste período. Um certo norte-americano chamado Robert James Fischer chegaria para mudar isso.

3.4 O MUNDIAL DE 1972 – FIM DA HEGEMONIA SOVIÉTICA

Para iniciar as relações entre o xadrez e a mídia, o foco principal desta monografia, que busca analisar a cobertura feita pelo jornal ‘O Estado de São Paulo’ sobre Henrique Mecking na década de 1970, é conveniente também observar a

cobertura realizada na disputa do título mundial de xadrez no ano de 1972, e como a mídia tratou a disputa pelo título mundial em uma Guerra Fria em cima do tabuleiro.

Em um belo dia de 1972, o xadrez é o esporte mais importante do mundo. A partida é televisionada, as pessoas apostam dinheiro nos lances que seriam jogados na partida, os gigantescos telões da própria Times Square, um cartão-postal de Nova Iorque, um dos centros comerciais mais conhecidos e disputados do mundo, transmitiriam o campeonato de xadrez, e não era por vontade própria, com o pensamento de incentivar o esporte ou algo assim, mas sim porque era o xadrez que o público queria.

Pode parecer um sonho de verão, uma utopia, escrita por algum amante do xadrez que um belo dia imaginou o esporte atingindo dimensões colossais. Mas isso realmente aconteceu, em 1972, quando nada mais nada menos do que a Guerra Fria foi levada para dentro das 64 casas de um tabuleiro. Em jogo, havia a hegemonia de 34 anos da União Soviética no Campeonato Mundial de Xadrez, enquanto um desafiante de 29 anos representava os Estados Unidos.

À primeira vista, parece uma história de superação de algum filme norte-americano, em que um rapaz, sozinho, derrotou o império soviético sobre os tabuleiros, mas a complexidade daquela disputa de título mundial vai infinitamente além. O russo Boris Spassky era o campeão mundial de xadrez naquele ano, e Robert James Fischer, o Bobby Fischer, era seu desafiante. EUA x URSS, dois impérios que polarizaram o mundo por anos à fio, no auge de um dos maiores conflitos de todos os tempos, a Guerra Fria.

Como vimos, ao contrário dos Estados Unidos, que tinham beisebol, futebol americano e outros esportes populares, a União Soviética enxergava no xadrez uma oportunidade de se provar intelectualmente sobre o ocidente. Os enxadristas acabavam ficando no meio disso: os jogadores da União Soviética não eram necessariamente fiéis ao regime, lutando pelo orgulho de seu país frente ao resto do mundo. Na verdade, eram apenas jogadores de xadrez que nasceram em um país que cedia um incentivo gigantesco ao esporte. A URSS podia usá-los como motivo de orgulho, mas isso, por óbvio, não era culpa deles.

Percebemos que os jogadores de xadrez não necessariamente representavam seus países, mas se na disputa do Campeonato Mundial de 1972, Spassky não era o maior defensor da União Soviética, Robert James Fischer definitivamente não representava os Estados Unidos. Os norte-americanos torciam por Bobby Fischer, mas ele não se importava se o título iria para a América ou não, mas se iria para si mesmo. Altamente egocêntrico e imprevisível, Fischer era um fenômeno no mundo do xadrez.

Fischer começou a aparecer no cenário mundial na década de 1960, mas foi na década seguinte que ele se colocou como uma força imparável, uma máquina de vencer jogos, imbatível e implacável. No Torneio de Candidatos de 1971, quando ganhou o direito de desafiar Boris Spassky, Bobby Fischer venceu Mark Taimanov, 15º melhor jogador do mundo na época, pelo placar de 6 a 0. 6 vitórias seguidas contra um jogador de altíssimo nível, sem nenhum empate. Em seguida, Bobby surpreendeu o mundo mais uma vez: outro 6 a 0, desta vez em cima de Bent Larsen, 4º melhor jogador do mundo. Empates são extremamente comuns no xadrez, e o fato de não ter ocorrido ao menos um nas duas disputas torna o feito do norte-americano quase que sobre-humano.

Após os dois atropelos, enfrentou o ex-campeão mundial Tigran Petrosian, da Armênia, na época pertencente à União Soviética. Fischer venceu a primeira partida e perdeu a segunda. Após 3 empates, ele voltou a chocar o mundo: foram emplacadas 4 vitórias consecutivas. Um ex-campeão mundial recente, utilizando uma expressão futebolística adaptada ao xadrez, não viu a cor das peças contra Fischer. Antes das 12 vitórias consecutivas nas duas primeiras rodadas do Torneio de Candidatos, Fischer havia também vencido as últimas 7 do Torneio Interzonal de Palma de Mallorca. Em nível de mestres, esta sequência de 19 vitórias é, até hoje, a maior da história. O mundo nunca havia visto uma dominância tão absurda como a de Bobby Fischer, era algo completamente inédito.

Com o direito de desafiar o russo Boris Spassky, uma novela gigantesca teve início. Reiquiavique, a capital da Islândia, foi escolhida como a sede para a disputa. Muitos lugares estavam interessados em sediar, e o país foi escolhido, provavelmente, pela maior quantia oferecida ao campeão. Fischer já possuía o maior rating do mundo desde abril de 1968 e, com os resultados do Torneio de Candidatos, carregava um

certo favoritismo. No entanto, seu histórico contra Spassky não era favorável: em 5 encontros entre os 2 até então, foram 2 empates e 3 vitórias do russo. Sob alguma relutância em ir para a Islândia, ele chegou ao país e o match começou. Já na primeira partida, o campeão mundial saiu em vantagem.

O norte-americano reclamava das câmeras de transmissão do local, alegando que eram muito barulhentas, e exigiu que a disputa fosse realizada em outro local. Ele não apareceu para a segunda partida, e Spassky foi declarado vencedor. No terceiro confronto, tudo estava em aberto: não se sabia o destino do match, se Fischer apareceria para jogar, se atenderiam às suas exigências. O local, em comum acordo com o russo, foi trocado para uma sala de ping-pong nos fundos das instalações onde era disputado o match.

Sem o barulho das câmeras para incomodar, Fischer facilmente virou a disputa. Após o décimo confronto, o placar já estava em 6,5 a 3,5 em favor do desafiante. Ao final da disputa, o favoritismo foi confirmado. Não foram necessárias as 24 partidas previstas pelo formato do match, já que Fischer atingiu a pontuação necessária em 21. O mundo tinha, finalmente, um campeão não-soviético.

Da mesma forma que ascendeu, Robert James Fischer desapareceu do mundo do xadrez. Em 1975, quando defenderia seu título contra o russo Anatoly Karpov, ele fez exigências sobre o formato do torneio, como jogar sem empates e o primeiro que atingisse 10 vitórias era o vencedor e, em caso de um placar empatado em 9 a 9, o campeão reteria seu título. Também exigiu um aumento na premiação do torneio. Como a federação não pôde lhe conceder tudo o que queria, ele abdicou do topo do xadrez mundial, e Karpov iniciaria seu reinado.

Para o próximo ciclo mundial, o último da carreira de Henrique Mecking antes de sua retirada forçada dos tabuleiros, Karpov defenderia com sucesso, em 1978, seu título contra Korchnoi, em uma revanche da final do Torneio de Candidatos de 1974.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

A notícia está naquilo que é incomum, seja positivo ou negativo, mas especialmente, que fuja da normalidade (Noblat, 2015). É necessário refletir sobre o que faz um fato ser noticiado devido à constatação prática de que o espaço de veiculação das notícias é finito (Silva, 2005). Um espirro, o cantar de um pássaro, uma buzina para um pedestre que atravessou a rua no sinal vermelho, o dia a dia abriga incontáveis fatos que podem ser descritos com palavras, mas nem tudo pode aparecer nas páginas de um jornal, por exemplo.

O jornal é constituído de um determinado número de páginas, dividido em editorias, e o simples fato de que suas páginas não são infinitas nos leva à conclusão de que ele é constituído por uma hierarquia, e que existem critérios para algo ser veiculado. Existem, de fato, uma série de critérios para que um fato seja entregue ao público através dos veículos jornalísticos, o que nos leva ao conceito de valor-notícia.

Henrique Mecking, através de seu pioneirismo em um esporte que não era popular no Brasil, ocupou diversas páginas de jornal com sua carreira nas décadas de 1960 e 1970. Pioneiro, segundo Michaelis (2023), tem o significado de algo novo, precursor, remetendo ao incomum pois, como no caso de Mequinho, apresenta à um grupo (neste caso, a nação brasileira), algo que nunca tinham visto antes.

Desta forma, podemos entender preliminarmente a razão de Mequinho ser notícia, especialmente no objeto de análise desta monografia, o jornal 'O Estado de São Paulo'. É possível observar, nas páginas de jornal que continham matérias sobre Mecking, uma relação entre os momentos de sua carreira e o formato do conteúdo veiculado pelo jornal, o que nos leva, de fato, ao aprofundamento da definição de valor-notícia.

Trabalhado por vários autores, o valor-notícia pode ser definido como uma análise de um fato para definir se são suficientemente interessantes, significativos e relevantes ao ponto de serem transformados em notícia (Wolf, 1985). O sociólogo italiano Mauro Wolf elucida o conceito, dividindo o valor-notícia em algumas categorias: às características substantivas das notícias (definir a relevância do fato com base no próprio fato), nos critérios relativos ao produto (tange ao quanto o fato está fisicamente ao alcance da cobertura jornalística), critérios relativos ao meio de

comunicação (diz respeito ao espaço que é dado para o fato baseado nos recursos do meio de comunicação para fazer a cobertura), o critério do público (baseado na imagem que o jornalista possui do público para definir se o fato é relevante ou não) e os critérios de concorrência entre as empresas (Wolf, 1985).

Os critérios variam de acordo com os autores, sendo que vários se repetem de autor para autor. Gislene Silva (2005), citando Frank Fraser Bond (1959), destaca de maneira resumida 12 elementos que, na visão de Bond, fazem com que uma notícia seja denominada como tal.

“Referente à pessoa de destaque ou personagem público (proeminência); incomum (raridade); referente ao governo (interesse nacional); que afeta o bolso (interesse pessoal/econômico); injustiça que provoca indignação (injustiça); grandes perdas de vida ou bens (catástrofe); conseqüências universais (interesse universal); que provoca emoção (drama); de interesse de grande número de pessoas (número de pessoas afetadas); grandes somas (grande quantia de dinheiro); descoberta de qualquer setor (descobertas/invenções) e assassinato (crime/violência)”. (SILVA, p. 101)

É importante destacar que uma matéria não necessariamente reúne todos, ou vários elementos.

“Às vezes, a matéria conterá diversos destes elementos provocadores de interesse, outras vezes, apenas um. Em cada caso, o elemento dominante presente nos indica qual o tipo de categoria do assunto.” (BOND, p. 71).

Não é possível chegar em um consenso oficial para definir os elementos perfeitos para o valor-notícia. Como visto nos parágrafos anteriores, cada autor possui sua visão do que faz um fato ter noticiabilidade. No entanto, ainda na obra de Silva (2005), os elementos elencados em tabela citando, de maneira sucinta, os critérios definidos por vários autores diferentes, mostram que existem alguns critérios em comum entre eles (não necessariamente entre todos, mas que se repetem várias vezes).

O fator da novidade, a proximidade geográfica do fato, o drama e o suspense são alguns elementos que, embora não sejam unanimidade entre os autores, se repetem através de sinônimos. Novamente aproveitando a ideia de Bond, não necessariamente todos os elementos se encontram nas matérias feitas pelo ‘Estado de São Paulo’ sobre Henrique Mecking nas décadas de 1960 e 1970, até porque, na

distância de 14 anos entre a página mais antiga e a mais nova selecionadas para análise, naturalmente o elemento da novidade se perderia.

Com a análise de conteúdo sendo baseada no valor-notícia e seus critérios presentes no conteúdo gerado ao longo do tempo, se faz necessário um certo grau de exatidão. Diante desta necessidade, se fazem adequados os elementos citados anteriormente, em que cada um se aplica, ao menos uma vez, no conteúdo sobre Henrique Mecking.

O fator da novidade, como referido no início deste capítulo, e também no capítulo da explanação da carreira de Mequinho, se faz presente através do pioneirismo, considerando que boa parte de sua trajetória no xadrez envolveu conquistar títulos e chegar à lugares que nenhum outro enxadrista brasileiro havia chegado.

A proximidade geográfica nos elucida, na verdade, um fato relativamente fácil de compreender: Henrique Mecking é brasileiro, por isso, quando disputava torneios, o conteúdo jornalístico brasileiro girava em torno dele, não em torno dos jogadores estrangeiros.

O elemento do drama também se encaixa como critério de noticiabilidade, afinal, Mequinho viveu momentos dramáticos em sua carreira, e estes momentos foram noticiados. Por exemplo, o principal drama, que foi o abandono do Torneio Interzonal do Rio de Janeiro, em 1979, devido ao agravamento de sua doença, foi noticiado com o título “Mequinho sai do Interzonal, o adeus de um mito” pelo ‘Estado de São Paulo’, em 26 de setembro daquele ano.

Por fim, trazendo o exemplo do suspense, em 26 de fevereiro de 1977, o título da matéria sobre Henrique Mecking era “Na Suíça, Mecking recomeça busca ao título”. No momento, Mequinho estava prestes a iniciar sua participação no Torneio de Candidatos daquele ano, contra o soviético Lev Polugaevsky.

A relação dos conceitos de valor-notícia com a cobertura da carreira de Henrique Mecking, apresentada acima, não possui caráter definitivo por ora, sendo este o objetivo final deste trabalho, cuja análise profunda e conclusões serão apresentados mais adiante. No entanto, este demonstra que as notícias sobre o brasileiro seguiam alguns conceitos de noticiabilidade, justificando o grande destaque

dado a ele no conteúdo selecionado. A introdução aos conceitos ajudará a compreender outros fatores, como a qualidade das matérias, o tamanho, o domínio do assunto e outros elementos que compõem a notícia.

O presente trabalho busca utilizar de duas áreas da pesquisa para chegar às suas conclusões, sendo elas a análise qualitativa e análise quantitativa. No que tange à análise qualitativa, para chegar às suas conclusões, apoia-se no método da técnica de análise de conteúdo descrita por Laurence Bardin (1970), atribuindo os princípios desta para uma análise qualitativa do material selecionado.

A razão para este é observar a qualidade das matérias selecionadas, analisadas propositalmente em ordem cronológica para fazer uma observação geral da carreira do personagem principal, observando os aspectos do texto em geral, tais como o tratamento que se dá para o esporte xadrez, a forma como o personagem Henrique Mecking foi construído ao longo do tempo, possíveis desvios de foco das matérias ao longo do período selecionado e o valor-notícia refletido nos elementos textuais.

Retificando o que será observado na questão do tratamento que se dá para o esporte xadrez, separa-se o xadrez em si da descrição das histórias, selecionando apenas as palavras em que o leitor precisa de algum conhecimento do esporte para a matéria fazer sentido. Em outras palavras, valendo-se do exemplo da quarta página selecionada para análise, de 18 de agosto de 1973, quando Mequinho ganhou o Torneio Interzonal de Petrópolis, é notável uma série de informações logo no início do texto.

“Nas duas partidas mais importantes da última rodada, Mequinho empatou sem riscos com Ljubojevic, em 13 lances, empregando a abertura inglesa, e Polugaievsky derrotou Portisch usando a abertura Reti, em 39 lances(...)”. CLAUDIUS, Herman. STEIN, Paulo. O campeão não quis arriscar-se. O Estado de São Paulo, página 22. São Paulo, 18 de agosto de 1973.

Para os critérios adotados, as informações do número de lances e o resultado final, além da informação da abertura utilizada nas partidas, são consideradas como

tratantes de xadrez em si. Já no início do último parágrafo do texto, é possível citar um exemplo de texto que não trata de xadrez em si, mas conta uma história.

"(...) A classificação final do Torneio Interzonal, com exceção das três partidas suspensas que já não podem influir com seus resultados definitivos na classificação dos primeiros colocados, é a seguinte: 1.o) Campeão — Mequinho (...)." CLAUDIUS, Herman. STEIN, Paulo. O campeão não quis arriscar-se. O Estado de São Paulo, página 22. São Paulo, 18 de agosto de 1973.

Neste caso, mesmo que a informação seja diretamente relacionada ao torneio, não trata diretamente da disputa do xadrez, e a história se coloca como elemento mais importante no texto. Em resumo: para fins de coleta de dados, quantificação e análise da relevância do xadrez nas matérias, para fins de buscar algo mais próximo de uma exatidão, são considerados apenas trechos de texto que tratem diretamente do jogo.

O valor-notícia tem como norte os elementos citados no capítulo anterior, sendo eles a novidade (ou pioneirismo), a proximidade geográfica, que não se limita ao local de realização dos eventos, mas também ao fato de que o personagem é brasileiro, além dos elementos de drama e suspense.

Julga-se necessário aplicar também a análise quantitativa para observar dados referentes à quantidade de espaço destinado à Henrique Mecking nos jornais. De olho no fato dos jornais diários possuírem uma hierarquia noticiosa, ou seja, alguns fatos ganham mais espaço do que os outros, é conveniente analisar o tamanho do conteúdo destinado à Mequinho nas páginas escolhidas do jornal 'Estadão'.

4.1 PRIMEIRA MATÉRIA – CAMPEÃO BRASILEIRO

Figura 4 - Página 20 do Estadão - 20/06/1966



Fonte: Acervo Estadão

Figura 5 - Recorte da página 20 do 'Estadão' – 20/06/1966

Mèquinho empata com três em 1.º

Das agências AP e UPI

RIO HONDO, Argentina — Henrique Mecking, brasileiro de 14 anos de idade, empatou no primeiro posto com três mestres argentinos nas finais do Torneio Sul-Americano de Xadrez.

Julio Bolbochan, Alberto Fogelman e Oscar Panno são os três outros ganhadores do torneio que acabou na madrugada de ontem, com o encerramento das partidas suspensas na décima-setima rodada.

Posições finais (em 17 partidas jogadas: ganhas, empatadas, perdidas, pontos): 1.º, **Mèquinho** (Brasil), 10-5-2-12 1/2; Bolbochan (Argentina), 8-9-0-12 1/2; Fogelman (Argentina), 10-5-2-12 1/2; Panno (Argentina), 10-5-2-12 1/2; 5.º, Garcia (Argentina), 8-5-4-10

1/2; Schweber (Argentina), 8-5-4-10 1/2; 7.º, Emma (Argentina), 6-7-4-9 1/2; 8.º, Carmona (Chile), 7-4-6-9; 9.º, Rubineti (Argentina), 4-9-4-8 1/2; 10.º, Camara (Brasil), 5-6-6-8; 11.º, Lukic (Argentina), 3-8-6-7; Peikman (Peru), 2-10-5-7; 14.º, Rocha (Brasil), 3-7-7-6 1/2; 15.º, Alvarez (Uruguai), 3-5-9-5 1/2; Miranda (Peru), 3-5-9-5 1/2; 17.º, Godoy (Chile), 3-4-10-5; 18.º, Sousa Mendes (Brasil), 3-1-13-3 1/2.

Deverá ser efetuado, agora, entre os quatro jogadores, um torneio especial, em data e local a serem ainda fixados, para classificar os três enxadristas que tomarão parte no zonal da Europa.

REPERCUSSÃO

“Tratar-se-á de um novo genio?” — perguntou ontem o

enxadrista argentino Bernardo Wesler ao comentar, no jornal “Clarín”, a brilhante atuação que cumpriu no torneio o menino Henrique Mecking.

Wesler afirma que Mèquinho “foi a sensação do torneio e teve uma performance extraordinária. Pode-se afirmar que superou os prognósticos mais otimistas, tendo demonstrado ser um grande jogador. Sua maior habilidade é no terreno tático, setor em que revela surpreendentes qualidades. Impressionante também sua rapidez para realizar combinações que denotam um cálculo exato e profundo, o que lhe permite desviar a luta a seu favor logo que surja a menor possibilidade para isso”.

Mas Wesler acrescenta: “Se é verdade que demonstrou co-

nhecer algumas aberturas a fundo, é fato que ignora todo o conteúdo estratégico de outras e que ainda não se formou totalmente para efetuar os planos estratégicos da luta posicional. Esta tarefa, de um modo geral, leva muitos anos. Todavia, Mecking progride a passos agigantados, dia a dia, partida a partida”.

Comentando, depois de lembrar que grandes mestres, como Capablanca, Reshevsky, Arturo Pomar e Fischer, da mesma forma que Mecking, foram meninos prodigiosos, conclui dizendo: “O fato é que Mecking comportou-se no torneio às mil maravilhas. Conseguiu uma contagem impressionante com os mestres argentinos: 6 1/2 pontos em 9. Isto, por si só, serviria para consagrá-lo”.

Fonte: Acervo Estadão

A primeira matéria (Figura 5), em que conta o feito de Henrique Mecking, de 14 anos, empatando com três enxadristas argentinos na primeira colocação do Torneio Zonal da América do Sul de 1966, na verdade, nem chegou a ser escrita pelo próprio Estadão. É uma matéria pequena, com poucos detalhes sobre xadrez e mais parece uma pequena exaltação à um possível talento que poderia crescer no futuro. A matéria não é autoral do Estadão, sendo creditada às agências estadunidenses Associated Press (sigla AP) e United Press International (sigla UPI).

Deixando de lado a parte subjetiva das observações e adentrando aos critérios propostos: não há parte alguma da matéria falando sobre o xadrez de acordo com o critério explicado, exceto pelo comentário do enxadrista argentino Bernardo Wesler, em fala ao jornal “Clarín”, conforme o texto. No comentário, ele fala sobre as qualidades de Mequinho na fase de abertura, habilidade no terreno tático e um cálculo exato e profundo, e aponta também o lado negativo de que Henrique ignorava o lado estratégico ainda não havia se formado totalmente para executar planos posicionais.

Embora pareça uma entrevista genérica, e talvez até seja, do ponto de vista de um profissional de xadrez, os termos ‘abertura’, ‘tático’, ‘cálculo’, ‘estratégico’ e ‘posicional’ são comuns ao jogo. Cada um tem seu significado especial dentro do xadrez, portanto, considera-se que foi falado do esporte em si. No entanto, como referido anteriormente, não é um grande aprofundamento nos temas comuns ao jogo, e não é uma grande descrição. O leitor precisa de um certo conhecimento sobre xadrez para conseguir distinguir exatamente os termos, mas o fato de ser alguém falando, e não uma descrição dos próprios autores, dá a impressão de uma terceirização de informação. O domínio do assunto não é visível no conteúdo.

Ao todo, 4 termos comuns ao jogo são citados na matéria, e ela ocupa a parte de baixo da página (Figura 4). O *lead* é extremamente comum, típico de uma matéria feita, ou ajustada pelo editor, para ocupar um pequeno espaço. Os únicos critérios de valor-notícia aplicável acabam sendo a proximidade geográfica e o suspense. As falas de Wesler despertam ansiedade no leitor, deixando-o esperançoso no futuro de Mequinho. É o início da construção da sua imagem como a esperança do xadrez nacional.

4.2 SEGUNDA MATÉRIA – PRIMEIRA NORMA DE GRANDE MESTRE

Figura 6 - Página 21 do Estadão - 08/10/1971

SAO PAULO, 8 DE OUTUBRO DE 1971

O ESTADO DE S. PAULO - 21

Mequinho, campeão em Vrsac

Mequinho, o filho do Brasil, que sempre se destacou no mundo das damas, conquistou o título de campeão mundial em Vrsac, na Jugoslávia, em 1971. O jovem brasileiro venceu o torneio com uma vantagem de 10 pontos sobre o segundo colocado, o húngaro Bela Lóczy. Mequinho, que tem apenas 17 anos, é considerado o maior jogador de xadrez brasileiro de todos os tempos. Ele nasceu em São Paulo e começou a jogar aos 5 anos de idade. Seu pai, o mestre de xadrez Mequinho, também foi campeão mundial em Vrsac em 1958.

Peterson e Wilhelm, apenas duas das atrações da corrida de Inteligat

Peterson e Wilhelm, apenas duas das atrações da corrida de Inteligat

Petrosian e Fischer empatam

Robert Fischer, do Estado Unidos, e Tigran Petrosian, da União Soviética, empataram, pela primeira vez, em uma partida entre amigos, pela final do Torneio de Candidatos, que agonizou o adeamento do campeão mundial de xadrez, Boris Spassky, pelo russo Fischer, jogando com as brancas, havia partido para Berlim para o II Campeonato Mundial, em Buenos Aires, mas foi interrompido e seguiu o cronograma, que o conduziu ao triunfo depois de algumas vitórias.

Uma das partidas, a primeira, foi jogada em 1970, em São Paulo, no clube de xadrez do Estado Unidos. Fischer, jogando com as brancas, havia partido para Berlim para o II Campeonato Mundial, em Buenos Aires, mas foi interrompido e seguiu o cronograma, que o conduziu ao triunfo depois de algumas vitórias.

Repetido no quadro

Uma partida que se repetiu no quadro de xadrez foi a jogada entre Fischer e Spassky, que se repetiu em várias ocasiões durante o torneio. A partida foi jogada em 1970, em São Paulo, no clube de xadrez do Estado Unidos. Fischer, jogando com as brancas, havia partido para Berlim para o II Campeonato Mundial, em Buenos Aires, mas foi interrompido e seguiu o cronograma, que o conduziu ao triunfo depois de algumas vitórias.

Fórmula 2 traz Peterson, o vice-campeão do mundo

Uma notícia que chegou ao Brasil foi a de que Peterson, o vice-campeão do mundo de Fórmula 2, vai competir no Brasil. Peterson, que nasceu em São Paulo, é considerado o maior piloto brasileiro de todos os tempos. Ele nasceu em São Paulo e começou a correr aos 15 anos de idade. Seu pai, o mestre de Fórmula 2 Peterson, também foi vice-campeão do mundo em 1968.

Os 34 lanes

Nome	17 - 18A	18A
Fischer	100	100
Petrosian	100	100
Spassky	100	100
Corso	100	100
...

Pace na Fórmula 1

Uma notícia que chegou ao Brasil foi a de que Pace, o piloto brasileiro de Fórmula 1, vai competir no Brasil. Pace, que nasceu em São Paulo, é considerado o maior piloto brasileiro de todos os tempos. Ele nasceu em São Paulo e começou a correr aos 15 anos de idade. Seu pai, o mestre de Fórmula 1 Pace, também foi piloto de Fórmula 1.

Bruder é o tricampeão mundial na classe "finn"

Uma notícia que chegou ao Brasil foi a de que Bruder, o tricampeão mundial na classe "finn", vai competir no Brasil. Bruder, que nasceu em São Paulo, é considerado o maior velejador brasileiro de todos os tempos. Ele nasceu em São Paulo e começou a velejar aos 15 anos de idade. Seu pai, o mestre de velejamento Bruder, também foi tricampeão mundial na classe "finn".

Melhor dizendo, garantir para v. sua garantia de lucro certa, boa renda prefixada. Estas são as garantias de que estamos falando. V. se encontra nas Letras de Câmbio Volkswagen.

Afinal, o que você pensa de garantia?

Financiadora Volkswagen S.A. Distribuidora S.A.

Figura 7 – Recorte da página 21 do Estadão - 08/10/1971

Mequinho, campeão em Vrsac

Henrique da Costa Mecking, do Brasil, ganhou o título do Torneio Internacional de Xadrez "Memorial Bora Kostic", encerrado ontem na cidade iugoslava de Vrsac, com um total de 11,5 pontos. Antes de enfrentar seu último adversário, o iugoslavo Planic, com o qual acabaria empatando, Mequinho já havia garantido o primeiro lugar entre 16 enxadristas, devido ao empate do segundo colocado, o húngaro Portisch, com o romeno Tchokaltea.

Com esse resultado, Portisch terminou a um ponto do brasileiro, que empatou sua partida no 17.º lance. Mecking, único latino-americano do torneio, confirmou sua evolução no xadrez, pois enfrentou pelo menos cinco dos principais jogadores do mundo e terminou invicto, com oito vitórias e sete empates. Portisch e o iugoslavo Ivkov, terceiro colocado, também não sofreram derrota.

O certame foi realizado em memória do falecido grande mestre iugoslavo Bora Kostic e contou com oito representantes da Iugoslávia, três da Hungria, dois da Bulgária, um da Checoslováquia, um da Romênia e um do Brasil.

Os resultados de ontem foram os seguintes: Planic (Iugoslávia) e Mecking (Brasil) empataram em 17 lances; Portisch (Hungria) e Tchokaltea (Romênia) empataram em 23 lances; Spiridonov (Bulgária) e Bilek (Hungria) empataram em 13 lances; Radulov (Bulgária) e Bilek (Hungria) empataram em 13 lances; Bullovcic (Iugoslávia) e Ivkov (Iugoslávia) empataram em 10 lances; Joksic (Iugoslávia) e Deze (Iugoslávia) em 48 lances; Silik (Hungria) e Janosevic (Iugoslávia) empataram em 11 lances; Baretic (Iugoslávia) foi vencido por Liubovic (Iugoslávia) em 40 lances.

A classificação final do torneio ficou assim: 1.º, Mecking (Brasil), 11,5 pontos; 2.º, Portisch (Hungria), 10,5; 3.º, Ivkov (Iugoslávia), 9,5; 4.º, Liubovic (Iugoslávia), Filip (Checoslováquia), Bilek (Hungria), Radulov (Bulgária), Tchokaltea (Romênia), 8,5; 9.º, Planic (Iugoslávia), 8; 10.º, Spiridonov (Bulgária), 7; 11.º, Janosevic (Iugoslávia) e Bullovcic (Iugoslávia), 6,5; 12.º, Deze (Iugoslávia), 6,5; 13.º, Kostic (Iugoslávia), 5,5; 15.º, Portisch (Hungria), 4,5; 16.º, Baretic (Iugoslávia), 3,5.

Fonte: Acervo Estadão

Ao contrário da primeira matéria, a segunda matéria (Figura 7) não possui absolutamente nenhum termo comum ao jogo. Em nenhum momento, é citada alguma

palavra ou termo que remete diretamente ao jogo de xadrez. É um conteúdo exclusivo à divulgação de resultados. A matéria, que anuncia a primeira vitória de Mequinho em um torneio fora do continente, não faz nenhuma menção ao fato de que uma norma de Grande Mestre havia sido conquistada, e explora pouco o fato de que era um torneio de alto nível. O suspense fica por conta do trecho “Mecking, único latino-americano do torneio, confirmou sua evolução no xadrez, pois enfrentou pelo menos cinco dos principais jogadores do mundo e terminou invicto, com oito vitórias e sete empates.”.

O termo “confirmou” remete à expectativa em cima do brasileiro que, até então, seguia sendo como uma esperança, e o destaque ao fato dele ser o único latino-americano no torneio justifica a noticiabilidade pela proximidade geográfica. Até então, nos pontos altos da carreira de Henrique Mecking, apenas dois aspectos de valor-notícia são explicitados, sendo extremamente superficiais.

O trecho citado no parágrafo anterior parece uma tentativa de fugir do tradicional lead de descrição e dar algum destaque ao brasileiro, mas o pouco espaço dedicado à matéria e a necessidade de colocar a classificação de cada jogador do torneio faz com que não se tenha profundidade no conteúdo. Novamente, a hierarquia da matéria na página não é alta, e o tamanho também é quase mínimo (Figura 6).

A segunda matéria na hierarquia da página, e a que possui mais texto, também é sobre xadrez: a terceira rodada da final do Torneio de Candidatos de 1971, empatada entre Bobby Fischer e Tigran Petrosian, ganha um destaque infinitamente maior, com um subtítulo inteiro de 5 parágrafos dedicado à descrição da partida, contando também com a notação algébrica da partida. Esta matéria, em contraste com a de Mequinho, demonstra uma expertise maior no esporte.

A terceira matéria é uma das mais interessantes da análise: é a primeira em que o fator do pioneirismo se aplica, e o resultado é uma página inteira dedicada à Henrique Mecking (Figura 8). Com o fator do pioneirismo presente não somente como um conceito transparecido através do destaque que o Estadão deu para o fato de ser o primeiro Grande Mestre brasileiro, ele foi destacado de maneira objetiva através do subtítulo "Para o Brasil é caso isolado". A combinação entre o pioneirismo e a proximidade geográfica resulta em algo inédito no tratamento de Mequinho: ele foi transformado em uma celebridade.

A maior parte da matéria não é focada em trazer detalhes sobre o xadrez, tampouco sobre seu estilo de jogo. Na verdade, o único termo comum ao jogo, seguindo o critério estabelecido, aparece no segundo parágrafo do subtítulo "Agora, só descansar". É mencionada uma troca de cavalos na partida entre Mequinho e o húngaro Victor Ciocaltea.

O valor-notícia é demonstrado em todos os critérios estabelecidos: a proximidade geográfica, por óbvio, aparece no fato de que Mequinho é brasileiro. Este critério é intrínseco aos fatos relacionados à ele. Mas os outros, como o drama e o suspense. O drama se dá pelo conteúdo explanando sua vida pessoal, ao citar suas palavras sobre a dúvida entre a faculdade e o xadrez, certamente uma escolha cruel à ser feita.

Outro elemento dramático é, novamente citado, o subtítulo "Para o Brasil é caso isolado". Os personagens envolvidos nesta parte da página são colocados no conteúdo apenas para destacarem dificuldades do xadrez no Brasil, quase que numa tentativa de comover o leitor. O suspense, aquele elemento que mexe com a ansiedade do leitor, é construído na forma do potente início do texto.

Colocar Mequinho como o homem que fará o Kremlin tremer dá a impressão de poder e deixa em aberto o imaginário do leitor. Imagine só: um brasileiro causando calafrios na imponente nação da União Soviética através de seu maior orgulho e objeto de autoestima. A criação de suspense em torno do mito que se originava sobre a imagem de Mequinho se tornou um pivô central do conteúdo noticiado sobre ele.

A página transformou-lhe em uma celebridade. O fato de não falar quase nada de seu xadrez, e muito mais sobre sua vida pessoal, à começar pela entrevista com

sua mãe, demonstra o maior interesse em apresentar ao público o outro lado de um brasileiro de sucesso do que focar no esporte. Isso pode ser visto no trecho em que é mencionado uma pretensão sobre o brasileiro por parte de mulheres.

Por que o sucesso de Mequinho entre mulheres era mais relevante do que seu estilo de jogo, algum lance brilhante que tenha feito no torneio, ou qualquer outra análise sobre o jogo? Porque, além de jogador de xadrez, agora era uma celebridade. A matéria é praticamente uma pequena biografia de Henrique, apresentando-lhe por completo ao público.

Ao final do subtítulo “Depois da segunda guerra, os primeiros mestres”, é feita uma tentativa totalmente falha de contextualizar o leitor acerca da história do esporte. É relevante saber sobre a história do xadrez para poder se inteirar melhor sobre Henrique Mecking? Sem a menor sombra de dúvidas.

Porém, o subtítulo em questão, a partir da segunda metade, apenas bombardeia o leitor com nomes e países aleatórios, sem dar muita informação relevante. Talvez, pela falta de espaço, esta parte em específico foi superficial. No entanto, ao invés de jogar ao leitor tais informações, este trecho “desnecessário”, com o objetivo aparente de apenas acrescentar espaço, com um baixo nível de coerência, acaba tirando espaço de informações mais relevantes. Pode-se dizer que este subtítulo em questão é 50% relevante: a primeira metade é de suma importância para deixar o leitor inteirado sobre o processo de conquista de titulação no xadrez.

4.4 QUARTA MATÉRIA — PRIMEIRO TÍTULO DE INTERZONAL

Figura 9 - Página 22 do Estadão - 18/08/1973

21 — O ESTADO DE S. PAULO

SABADO, 18 DE AGOSTO DE 1973

Mequinho, campeão invicto e único classificado

HERMAN CLAUDIUS E PAULO STEIN
Especial de

Mequinho sagrou-se campeão do Interzonal de Petrópolis, ontem, ao empatar com o iugoslavo Ljubovic no 13.º lance, alcançando 12 pontos e conquistando o direito de participar do Torneio de Candidatos. O grande mestre brasileiro jogou com as peças brancas e foi o único exatidãoista que terminou partidas realmente decisivas. Lajos Portisch perdeu para Lev Polugaevsky e Efim Geller empatou com Oskar Panno. Com esses resultados, Portisch, Geller e Polugaevsky ficaram juntos em 2.º lugar, com 11,5 pontos, e ainda precisando disputar um torneio extra para decidir quem ficará com as duas últimas vagas.

Após não haver mais tempo para que Mequinho lutasse com o grande sargento onde o público de duas mil pessoas acompanhava a partida de Mequinho e anunciou o resultado: "mequinho, Mequinho acaba de conseguir uma classificação". Era às 16 horas. De repente, uma explosão de aplausos interrompeu o silêncio do Clube Petrópolis. Depois de tradicional aperto de mãos, Mequinho e Ljubovic dividiram as honras positivas da partida. O estádio onde os exatidãoistas jogavam ficou completamente agitado e, alguns segundos depois, um árbitro quis dar o resultado: "empate, empate".

Porém, mesmo depois da terminada a partida de Mequinho, Geller e Polugaevsky, com apenas seu jogo com Panno. Mequinho venceu. Mas a partida mais importante foi a que ocorreu às 19 horas. Com um jogo de defesa, Lajos Portisch venceu seu rei, portando o jogo para Polugaevsky. Com este resultado, Mequinho ficou em primeiro lugar, fora o campeão.

Em poucas minutos a notícia se espalhou. Novo vitório de Mequinho, o nome de Mequinho gritado durante bastante tempo, até que Polugaevsky foi anunciado o sagrado. O público se agitou e gritou seu nome. O momento não superou a empolgação e o coro: "Mequinho venceu, Mequinho venceu". Uma música popular assim se misturava ao coro da vitória. O público se agitou e gritou seu nome e o nome de Mequinho. O público se agitou e gritou seu nome e o nome de Mequinho.



Mequinho não quis riscos inúteis: empatou rapidamente com Ljubovic



Polugaevsky venceu Portisch e provocou um triplíce empate no 2.º lugar

Brasil é 10.º na Admiral's

De organizadores da Admiral's Cup, a mais importante competição de lanchas de oceano do mundo, confirmaram ontem que o Brasil ficou mesmo com a Alemanha Ocidental, com 44 pontos. O Brasil apareceu extraordinariamente em 10.º lugar na classificação geral, com 44 pontos, atrás da Argentina, que terminou em 6.º, com 53. A classificação deverá ser confirmada hoje, pois muitos lanchas ainda não haviam concluído a Farnes Race e o primeiro a ser concluído, a uma regata de oceano.

A classificação final da Admiral's Cup, extraordinariamente, é esta: 1.ª, Alemanha Ocidental, com 83 pontos; 2.ª, Argentina, com 77 pontos; 3.ª, Grã-Bretanha, com 74 pontos; 4.ª, Estados Unidos, com 73 pontos; 5.ª, Holanda, com 66 pontos; 6.ª, Argentina, com 53 pontos; 7.ª, França, com 52 pontos; 8.ª, Bermuda, com 49 pontos; 9.ª, Itália, com 48 pontos; 10.ª, Brasil, com 44 pontos; 11.ª, Finlândia, com 44 pontos; 12.ª, África do Sul, com 42 pontos; 13.ª, Dinamarca, com 31 pontos; 14.ª, Bélgica, com 23 pontos; 15.ª, Portugal, com 20 pontos; 16.ª, Suíça, com 24 pontos.

Europeu de Finn
O brasileiro Manfred Kusch venceu ontem a sexta regata do Campeonato Europeu de Finn, no norte da Polónia. O brasileiro jogou com o barco Jiri Kiboulik.

A classificação geral do campeonato está assim: 1.º, Vitor Zepherin, União Soviética, com 55 pontos; 2.º, Albu Pauperson, Grécia, 73 pontos; 3.º, Alex Weller, Brasil, e Manfred Kuschmann, ambos com 64 pontos; 4.º, Detlef Schreiber, Alemanha Oriental, 67 pontos; 5.º, Patrice Charu, França, 55 pontos.

Agora, o Torneio de Candidatos

A vitória de Mequinho foi muito importante porque, de acordo com o regulamento da FIDE, o campeão não jogará no próximo torneio de Candidatos. O vencedor do Interzonal de Leningrado, portanto, não jogará no próximo torneio de Candidatos.

Depois de receber sua primeira grande vitória pública no Brasil e depois de ter vencido o torneio de Candidatos, Mequinho começou com um torneio de preparação para o próximo campeonato mundial. Mequinho não via nenhuma vantagem em uma classificação, por isso preparou-se para atacar uma classificação, por isso preparou-se para atacar uma classificação, por isso preparou-se para atacar uma classificação.

Porque foi um bom resultado, porque foi um bom resultado.

A partida que Mequinho venceu, a partida que Mequinho venceu.

Essa moça é a porta-estandarte da melhor escola de samba do Brasil: Sambaó.



Seu nome — se é que é preciso dizer! — é Elizeth, ou Divina, ou Enlaurada. Sambaó é o programa que traz Elizeth de volta, para ser o grande destaque de um autêntico desfile dos melhores sambistas desta e de outras praças. Com Elizeth e o Sambaó, a Record dá mais um passo decisivo em sua volta por cima, e reforça sua nova linha de musicais — tão importante quanto a que a consagra. Siga o estandarte da Elizeth, saia com Sambaó. Para desfilar nessa escola, basta sintonizar a Record, todo sábado HOJE, AS 21:00 HS. Sambaó é mais um programa de partido alto da emissora que mais entende de musicais.

SAMBAÓ RECORD
Muito pelo contrário, podemos.

O campeão não quis arriscar-se

Nos dias parciais mais importantes da última rodada, Mequinho empatou com Panno e Ljubovic, em 13 lances, empacando a partida. Mequinho não jogou no próximo torneio de Candidatos. O vencedor do Interzonal de Leningrado, portanto, não jogará no próximo torneio de Candidatos.

Porque foi um bom resultado, porque foi um bom resultado.

Crawford entrará no Éder sábado que vem

Após mais bastantes por parte dos promotores do clube, o nome de Crawford entrou no jogo. Crawford entrará no jogo de sábado que vem. Crawford entrará no jogo de sábado que vem. Crawford entrará no jogo de sábado que vem.

Em Barro, Wanderley Sampaio, funcionário da Usimac, continua vendendo normalmente os ingressos para o combate. Segundo ele, não há nenhuma possibilidade de ocorrer uma mudança de qualquer natureza de qualquer natureza.

Atletas disputam o Troféu Brasil

Mesmo desafiado de alguns anos melhores, o campeonato de futebol disputado a nível estadual em Minas e Pernambuco, com o Flamengo e o Internacional em São Paulo, foi disputado hoje e amanhã na praia de Iguape, no Estado de São Paulo. O jogo foi disputado hoje e amanhã na praia de Iguape, no Estado de São Paulo.

A seleção nacional de vôlei do Brasil manteve sua invencibilidade no Campeonato Sul-Americano de detentor e Colombiano por 3 a 0 (15, 15, 15) em Montevideo. Na partida decisiva da rodada, a Argentina venceu a Colômbia por 3 a 0 (15, 15, 15) e o Brasil venceu a Argentina por 3 a 0 (15, 15, 15).

Fonte: Acervo Estadão

A quarta matéria (Figura 9) é outra extremamente interessante: a primeira com a assinatura de Herman Claudius, junto ao jornalista Paulo Stein. A combinação entre os dois, na condição de enviados especiais ao Torneio Interzonal de Petrópolis 1973 resultou em uma bela combinação entre narrativa e explicação sobre o lado enxadrístico dos fatos.

No conteúdo produzido, estiveram presentes os critérios de valor-notícia do suspense e drama. Mesmo que nenhum outro brasileiro tivesse chegado perto de vencer um Torneio Interzonal até então, o fator do pioneirismo não foi mencionado. O drama foi construído ao longo da narrativa de expectativa de Mequinho e do público presente no local das partidas pela definição dos resultados, estando todos os envolvidos fortemente apreensivos, como bem detalhado no texto. Não se pode chamar essa parte de suspense, já que o leitor sabia o resultado de antemão, não sendo possível criar uma sensação de apreensão nele também. Mas, certamente, é possível se colocar no lugar de Henrique e imaginar seus momentos de tensão, alegria e alívio.

O suspense ficou por conta do subtítulo “Agora, o Torneio de Candidatos”. Ao contrário das matérias anteriores, em que se tratava Mequinho como uma futura esperança, não foi colocado nenhum rótulo de favoritismo, genialidade ou qualquer outro termo vago que deixava o leitor em uma falsa expectativa. Este texto traz uma fala alegre de Mecking, acrescentando um tom de leveza à narrativa. Desta maneira, junto ao título que destaca a classificação para o Torneio de Candidatos, a sensação é de apreensão para ver o desempenho do brasileiro neste novo terreno desconhecido.

São vários os termos comuns ao jogo, embora nada de tão profundo: é destacada por várias vezes a estratégia de Henrique em empatar rápido com seu adversário sérvio Ljubomir Ljubojević. As menções ao empate em 13 lances, embora não difíceis de compreender pelo leitor em geral, são termos comuns ao jogo pois trazem uma noção da partida. É necessário entender algo de xadrez para compreender um empate rápido, fazendo-nos entender a importância de Herman Claudius nesta produção de conteúdo. Ele consegue elucidar as noções que o leitor precisa ter para uma boa visão dos fatos.

No entanto, é necessário destacar que existe um defeito parecido com a terceira matéria deste corpus. Na matéria anterior, foi apontada a falta de necessidade de bombardear o leitor com nomes aleatórios da história do xadrez, e nesta matéria em questão, ocorre algo parecido: no subtítulo “O campeão não quis arriscar-se”, são colocados diversos nomes de aberturas e defesas empregadas pelos jogadores nas partidas da última rodada.

Considerando que é apenas colocado o nome das aberturas e defesas, sem qualquer tipo de notação, elas viram apenas nomes. Caberia uma descrição, por menor que fosse, do estilo das partidas. Algo como “tal abertura costuma levar a posições empatadas”, ou “essa defesa é muito agressiva”, algo que não deixasse os nomes soltos, que trouxesse sentido e justificasse sua presença no texto. Assim como na quarta matéria, este conteúdo ocupa o topo da hierarquia textual.

4.5 QUINTA MATÉRIA – DERROTA NO TORNEIO DE CANDIDATOS

Figura 10 - Página 19 do Estadão - 14/01/1974

late demora e já preocupa

Mequinho podia ganhar, afirma Korchnoi

TECNICAMENTE, ELE FOI MELHOR

Eder decide-se por estes dias

Trianon é líder invicto

Pegue em flagrante os contrabandistas, morra de rir com o réquiem para um peso pluma, sinta na própria carne a sedução do vampiro e tome muito cuidado com o vício que singra o Mississippi.

Hoje - no Canal 13 - em cores:

9 da Noite:
Cannon
Com William Chittick.
Série emissão com o episódio "Os Contrabandistas".

10 da Noite:
Estórias Extraordinárias
Com: Scherby, Chel, Mal Zillem e Sheryl Basso. Episódio: "A Sedução do Vampiro".

11 da Noite:
MASH
Com: Alan Alda, Hines, Rogers e Melon. Episódio: "Surgiram para um peso pluma".

12 da Noite:
Estórias Extraordinárias
Com: Tracy Carter e James Hampton. Episódio: "A Sedução do Vampiro".

CANAL 13 BANDEIRANTES

Fonte: Acervo Estadão

Figura 11 – recorte da página 20 do Estadão - 14/01/1972

Mequinho podia ganhar, afirma Korchnoi

HERMAN CLAUDIUS
Enviado Especial

"Mequinho teria vencido a partida de ontem, se tivesse jogado C6B-1, em vez de C4-6D. Teria ganho um peão e a partida. Encontraria algumas dificuldades técnicas, mas ganharia com certeza". Esse foi o comentário feito por Victor Korchnoi, ontem, em Augusta, na cerimônia de encerramento do "match", à qual Mequinho não compareceu, deixando o soviético bastante irritado.

— Eu não quis perguntar isso durante o "match" mas, por que Mequinho não é polido? Quando eu me aproximava para iniciar as partidas, ele estendia a mão sem se levantar. Por que faz assim? Eu conheci seu pai em Sousses, no Torneio Interzonal da Tunísia, em 1967, e sei que é um homem muito educado. Por que Mequinho não tem o mínimo senso de polidez? Isso não custa nada.

Korchnoi estava decepcionado com a ausência do adversário e fez o desabafado, acrescentando alguns comentários a respeito de Mequinho: — Mecking tem algumas coisas estranhas. Ele joga três lances bons, mas o quarto é invariavelmente um lance fraco.

Mequinho explicou que não compareceu à cerimônia de encerramento do "match" porque Morrison, árbitro auxiliar, havia lhe dito que não aconteceria nada de especial. Sua ausência, porém, indignou boa parte dos organizadores. A cerimônia foi realizada ao ar livre, depois do meio-dia. Korchnoi recebeu seu prêmio de 3.500 dólares (Mequinho ganhara 2.100). Naturalmente, havia muita alegria entre os soviéticos, e Vjaçeslav Osnov, analista de Victor Korchnoi, estava eufórico. A delegação soviética deixará Augusta amanhã pela manhã, seguindo para Washington. Depois de alguns dias, seguirão viagem para Chicago, Nova York e Leninegrado.

As 11 e 30, ainda abatido pela derrota, Mequinho concordou em falar com a imprensa, no seu quarto no Towers Quality Inn Hotel.

— O que aconteceu na partida de ontem? — Eu joguei para ganhar. Depois da sétima partida, meus amigos no Brasil me aconselharam a segurar o "match" e só arriscar quando estivesse nas últimas partidas. Achei que havia chegado o momento, e parti para o ataque. Fiquei bem na abertura, mas deveria ter trocado as damas e entrado num final um pouco superior. Foi uma tolice tremenda. Depois, não vai mais nada. Eu também deveria ter tomado o peão de Korchnoi com o cavalo. Desgostei-me bastante o fato de não haver perdido nenhuma partida de forma natural, mas sim por besteira. Não cheguei a ser esmagado em nenhum jogo. Eu quis ganhar e me perdi. Acho que, se jogasse o "match" daqui a seis meses, novamente, eu não perderia.

— Então você admite que lhe faltou experiência?

— Sim. Vim a Augusta pensando que Korchnoi gostava de jogo agressivo. Pensei: vou ganhar ou perder logo. Então, nas três primeiras partidas tive oportunidade de ganhar duas. Pensei que venceria o "match" facilmente. Arrisquei-me e perdi. O meu trabalho com Ulf Andersson também não estava bem entrosado. A primeira partida só não venci por falta de análise. O esquema de trabalho com o analista não estava fun-

cionando. A partir daí tive que analisar as partidas, e isto me cansou muito. Num "match" a gente precisa chegar preparado para correr o mínimo de riscos. Acho que meu fracasso foi devido à falta de experiência mesmo.

— Korchnoi influiu de alguma forma no seu comportamento?

— Foi tragico. Eu fiquei algumas vezes em apuros com o relógio. E Korchnoi passava o tempo todo fungando. Mas tenho certeza de que, num próxima vez, não cometerei os mesmos erros. Foi tragico, por exemplo, não tomar a dama dela na última partida. Porém, não estou encarando minha desclassificação como uma tragédia. Saírei tranquilamente para outro torneio. Ontem eu precisava adivinhar. Quando avancei os peões na ala do rei sabia que seria para ganhar ou perder. Mas tenho certeza de que joguei uma abertura excelente.

— Você acha que um "match" custa mais do que um torneio?

— Sim, talvez porque eu não tivesse experiência. Quando ganhei a partida, Korchnoi foi descansar três dias numa fazenda. Essas atitudes eu ainda não conhecia.

Os planos de Mequinho, agora que está desclassificado, são de passar ainda mais alguns dias em Augusta, e passar. Quando voltar, dentro de 10 dias, vai passar duas semanas em São Paulo, dando aulas e fazendo conferências. Depois, talvez participe em abril de um torneio em Las Palmas. Uma das suas perspectivas é jogar um "match" contra Samuel Reshevsky, sendo metade das partidas nos Estados Unidos e a outra metade no Brasil.

Quanto a Korchnoi, agora que venceu Mequinho, está mais pessimista. Terá que enfrentar Petrossian ou Portisch, acha que precisará se preparar muito mais. Em 71, ele teve um "match" contra Petrossian pelas semifinais do torneio de candidatos e depois de empatar oito partidas, perdeu a nona, voltando a empatar a última.

Tecnicamente, ele foi melhor

É difícil fazer uma análise correta de um "match" da importância deste que aconteceu, entre Mequinho e Victor Korchnoi, mas pode-se dizer que o brasileiro, tecnicamente, foi bastante superior ao soviético, mantendo a iniciativa num número maior de partidas. Também se pode dizer que dificilmente Mequinho deixará de derrotá-lo daqui a três anos.

A dificuldade para se fazer uma análise do "match" deve-se ao fato de influírem muitos fatores no rendimento, tanto técnico como psicológico, dos jogadores. Mas algumas observações são possíveis. Em primeiro lugar, ficou evidente que Mequinho esteve à altura de Victor Korchnoi, e que, a todo o instante, mostrou um espírito de luta simplesmente fantástico, fator essencial que deverá constituir a base de suas pretensões de conquistar o título mundial.

Porém ainda falta ao grande mestre brasileiro o desenvolvimento de algumas qualidades que farão seu xadrez amadurecer consistentemente. O "match" mostrou que Mequinho ainda repete alguns erros que podem ser fatais para um exadista quando tem um adversário como Victor Korchnoi. Evidenciou-se em Augusta que a preparação de Mequinho foi insuficiente, especialmente para as partidas em que deveria jogar com as peças brancas. A única exceção foi a 12.ª partida, quando utilizou uma variante improvável e conseguiu adquirir uma vantagem decisiva. Mas, nas outras, ele não chegou a dar o mínimo trabalho a Korchnoi.

A preparação de Mequinho para as partidas em que jogaria com as peças pretas foi boa, mas pode-se criticá-lo por ter dado atenção especial a um fator pouco compensador,

quando o que desejava era vencer, sem depender de erro do adversário. Um exadista que quer ganhar um "match" precisa se preparar para tirar o máximo de vantagem com as brancas, e manter o equilíbrio com as pretas. Qualquer outra forma que adote para vencer leva apenas à especulação e não constitui base firme para um grande mestre montar a estratégia de um "match".

Outro erro cometido por Mequinho foi o de distribuir tão mal seu tempo. E disso Korchnoi tirou o máximo de proveito, quando o brasileiro ficava apurado pelo tempo, cometendo erros absurdos, realmente inexplicáveis, mas que, no entanto, tinham uma origem explícita e lógica.

É difícil dizer o que leva um jogador a ficar mal de tempo. As vezes, é um excesso de perfeccionismo.

Trianon é líder invicto

O Trianon manteve a invencibilidade e a liderança do grupo A do Campeonato Estadual de Búzquete, ao derrotar o São Bernardo, na noite de ontem, em São Bernardo do Campo, pela contagem de 102 a 83, após primeiro tempo de 48 a 47.

Em Campinas, o Tenis Clube derrotou o XV de Piracicaba por 67 a 58 (31 a 21), assegurando a vice-liderança da classificação.

O torneio prossegue esta noite com o jogo Hebraica vs. Paulistano, a partir das 21 horas, no Ginásio da Hebraica.

A etapa de ontem apresentou estes dados técnicos: Trianon, 102 vs. São Bernardo, 83 (48 a 47).

Juizes: Isaac Grinman e João Paulo Simiscalchi.

Trianon: Edvar (33), Jola (24), Josildo (17), Ze Olavo (4), Maurício (4), Rubinho (12), Emilio (8) e Osvaldo.

São Bernardo: Vicente (18), Brasilino (2), Marinho (15), Toninho (16), Alfredo (28), Watanabe (8), Claudio e Rogério.

Teniz Clube, 67 vs. XV de Piracicaba, 58 (31 a 21).

Juizes: Osvaldo Gelsomini e Rogério Wenzel Junior.

Teniz Clube: Zé Luis (11), Mosquinhão (10), Carlinhos (15), Plantoni (9), Zé Boquinha (5), Chebel (6), Emil Rached (18), Maia, Orlando, Ivaldo e Lix.

XV de Piracicaba: Bira (8), Carlos Alberto (7), Francis (2), Joazinho (2), Fritz (11), Joaquin (5), Wilson Renzi (23) e Marton.

Com esses resultados, a situação do grupo A ficou sendo esta: Pontos ganhos — 1.º Trianon, 6; 2.º, Teniz Clube, 5; 3.º, XV de Piracicaba, 4; 4.º, Palmeiras e São Bernardo, 3. Pontos perdidos — 1.º, Trianon, 0; 2.º, Palmeiras e Teniz Clube, 1; 4.º, XV de Piracicaba, 2; 5.º, São Bernardo, 3.

Esse grupo terá mais dois jogos amanhã: Palmeiras vs. Trianon, no Parque Antártica e XV vs. São Bernardo, em Piracicaba.

Fonte: Acervo Estadão

Na quinta matéria (Figura 11), relacionada à derrota final de Henrique Mecking para o soviético Viktor Korchnoi, resultando na sua eliminação do Torneio de Candidatos de 1974, Herman Claudius assina sozinho como enviado especial. A matéria demonstra o objetivo de Herman enquanto contribuidor do jornal: com um subtítulo inteiro dedicado a analisar o match. Trazendo uma visão entendível de um assunto complicado, que é o entendimento de xadrez, o autor consegue deixar uma boa noção de como funcionaram as coisas no confronto, apontando erros de Mequinho contra o adversário.

Pela primeira vez, o elemento do suspense não se faz presente. Não houve nenhuma menção à expectativa de futuro do brasileiro após a derrota. O texto foi predominantemente dramático: destacando logo no título uma fala de Korchnoi, que afirmava a possibilidade de vitória de Mecking. O fator da proximidade geográfica,

embora intrínseco às notícias pelo simples fato de Mecking ser noticiado, também não é exaltado em momento algum, tampouco o pioneirismo.

É justo o elemento do drama ser empregado, afinal tratava-se de uma derrota. Porém, houve uma mudança de cenário com relação ao conteúdo anterior logo nas primeiras linhas de texto: duras palavras de Korchnoi com relação à ausência de Mecking na cerimônia de encerramento, deixando o brasileiro com uma imagem negativa perante o leitor. No entanto, a presença desta versão é necessária, afinal o compromisso do jornalismo, embora muitas vezes pareça, não é fazer propaganda gratuita. Também foi um acerto colocar a defesa do brasileiro com relação ao não comparecimento na cerimônia.

Na linha de apoio, composta por uma fala de Korchnoi, é desnecessário o trecho 'Mequinho teria vencido a partida de ontem, se tivesse jogado C6B+, em vez de C4 – 6D'. A inclusão da notação algébrica no trecho não é justificada, já que não existe uma análise do lance no texto, tampouco a notação completa da partida. Em resumo: não há contexto que justifique a presença de uma única jogada e que possa situar o leitor sobre ela. É apenas um trecho largado ao vento, em que o leitor não tem a menor noção do que se passava na partida. É verdade que a frase é complementada por 'Teria ganho um peão e a partida', mas resta ao leitor confiar em Korchnoi e usar a imaginação, se é que é possível ou, ao menos, plausível.

No entanto, o subtítulo 'Tecnicamente, ele foi melhor' é um grande acerto de Herman. Em poucos parágrafos, ele analisa, utilizando sua visão de enxadrista, os momentos do match, e consegue escrever de forma compreensível para quem não entende nada sobre o esporte. Os termos comuns ao jogo, sendo eles 'variante improvisada' e 'vantagem decisiva' no terceiro parágrafo, 'preparação' no quarto e 'apurado pelo tempo' são termos com definições específicas dentro do xadrez, mas de fácil compreensão para o público em geral e que, ao invés de confundirem o leitor, acrescentam ao conteúdo e conseguem fazê-lo ser melhor e mais completo.

O texto recebeu um grande destaque, na página, sendo mais uma matéria de Mecking que ocupa o topo da hierarquia textual dela (Figura 10). Em modos gerais, não houve o processo de transformar Mecking em celebridade, tendo a matéria adotado um tom mais sério e compromissado com o xadrez, principal função de

Herman Claudius, embora tenha exagerado na dose com a notação algébrica citada anteriormente.

4.6 SEXTA MATÉRIA – POLÊMICA NAS OLIMPÍADAS

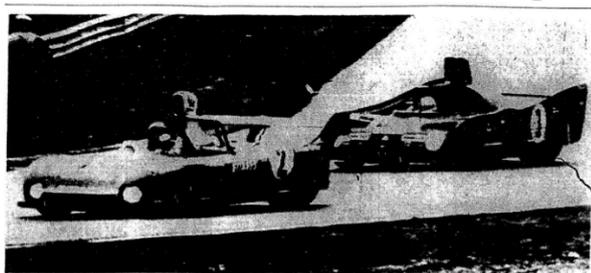
Figura 12 - Página 23 do Estadão - 15/06/1974



Fonte: Acervo Estadão

Figura 13 – Recorte da página 23 do Estadão - 15/06/1974

Mequinho recusa-se a jogar e o Brasil perde



Com dois carros na primeira fila e dois na terceira, a Matra deverá vencer novamente

Dois Matra saem na frente em Le Mans

Depois de duas sessões de treino, 11 das 48 duplas de pilotos que largarão na "24 Horas de Le Mans" ultrapassaram a barreira dos quatro minutos para percorrer os 13.600 quilômetros do circuito de La Sarthe. A prova, que é uma das mais famosas do mundo, já foi disputada 41 vezes, começará hoje às 16 horas, com dois Matra-Simca na primeira fila e outros dois na terceira, tendo entre eles os dois Gulf-Ford ingleses, que não chegam a ameaçar o grande favoritismo da equipe francesa, que domina esta corrida há três anos.

Os Gulf-Ford, guiados pelos ingleses Mike Hailwood e Don Whetton, e austríacos Vero Schuppan e o sueco Rolf Wulfsberg, estabeleceram na sua terceira volta em meio segundo um tempo que era somente possível em 1971. A organização da "24 Horas" é a Matra para o Brasil as corridas completas, envolvendo mais de 200 pessoas, além dos 3 mil policiais que foram destacados para o circuito de La Sarthe. Um diretor geral de prova trabalha aqui, com quatro diretores adjuntos e 22 secretários. A equipe de cronometragem tem 20 cronometristas e 18 calculadoras. Das duas temporadas há comemoração francesa, e das três, comemoração em

HERMAN CLAUDIUS Especial para o "Estado"

A ausência de Mequinho — que se recusou a jogar ontem contra a Escócia, alegando ter-se cansado demais na vitória, ao empatar com Spangsky — acabou com as esperanças da equipe brasileira, que perdeu dois pontos por 2,5 a 1,5 e ficou matematicamente fora da luta pelas duas vagas do Grupo 1 à fase final da Olimpíada de Xadrez de Nice. Com a ausência de Mequinho, o Brasil já iniciou o encontro perdendo por 0 a 1; depois Alexandru Segal venceu Young, Heider Camara empatou com Mac Kay e Herman Claudius foi derrotado por David Levy.

Com as derrotas seguidas ante a União Soviética e a Escócia, o Brasil provavelmente não conseguirá um segundo grupo para o campeonato em 22 de julho. A jogar em cada uma das partidas, o Brasil se classificou para a 1ª e a 2ª colocação do Grupo 1, o que dependerá da soma entre Escócia e País de Gales. O Mequinho voltará ao jogo amanhã contra a Índia, com o objetivo de garantir um segundo grupo para o campeonato em 22 de julho. A jogar em cada uma das partidas, o Brasil se classificou para a 1ª e a 2ª colocação do Grupo 1, o que dependerá da soma entre Escócia e País de Gales. O Mequinho voltará ao jogo amanhã contra a Índia, com o objetivo de garantir um segundo grupo para o campeonato em 22 de julho.

Na hora do jogo, Mequinho não jogou. Botas venceu a partida, com o resultado de 2 a 0. A partida foi interrompida por uma emergência médica de Mequinho, que foi levado para o hospital. A partida foi retomada após a recuperação de Mequinho, com o resultado final de 2 a 0 para Botas.

A rodada contará com a participação de 16 jogadores, com o objetivo de determinar o vencedor da partida. A partida será disputada em duas partes, com o primeiro jogo às 14 horas e o segundo às 18 horas. O vencedor da partida será o jogador que obtiver o maior número de pontos.

Resultados: Escócia 2,5 vs. Brasil 1,5; França 2,5 vs. Polónia 1,5; Itália 2,5 vs. Argentina 1,5; Holanda 2,5 vs. Uruguai 1,5; Alemanha 2,5 vs. Espanha 1,5; Austrália 2,5 vs. Índia 1,5; União Soviética 2,5 vs. Iugoslávia 1,5; Canadá 2,5 vs. México 1,5; Estados Unidos 2,5 vs. Cuba 1,5; Chile 2,5 vs. Paraguai 1,5; Alemanha Ocidental 2,5 vs. Suíça 1,5; Canadá 2,5 vs. Noruega 1,5; França 2,5 vs. Finlândia 1,5; Virgínia Britânica 2,5 vs. Índia 1,5; Brasil 2,5 vs. México 1,5; Holanda 2,5 vs. Austrália 1,5; Austrália 2,5 vs. Índia 1,5.

Fonte: Acervo Estadão

A sexta matéria (Figura 13) é curiosa: Herman Claudius foi o autor enquanto trabalhando para o Estadão, e escreveu sobre si mesmo na terceira pessoa nas Olimpíadas de Nice em 1974. Ela marca a virada de chave no prestígio de Mecking retratado pelo jornal. Claudius jogava pela equipe brasileira quando enviou a matéria e, mesmo não podendo esconder seu descontentamento com a ausência de Mecking, já colocando isso logo de cara no título, conseguiu retratar bem a situação da delegação brasileira no torneio.

Sem termos comuns ao jogo, sendo uma matéria descritiva, ela tratou de trazer elementos dramáticos ao contar a história da recusa de Mequinho em disputar o duelo contra os escoceses.

Na verdade, o próprio Herman, enquanto membro da delegação e autor da matéria, colocou no texto a refutação para a desculpa de cansaço de Mecking. Uma certa personalidade é empregada, e ele não conseguiu conter o drama ao relatar, logo após contar a história de Mecking e Segal, que o Brasil não tinha mais chances de disputar as primeiras posições.

Em um meio termo entre o implícito e o explícito, colocou a culpa nos ombros de Henrique, e provavelmente não estava errado. Porém, é necessário separar o papel de comunicador e participante, sendo este tipo de matéria altamente arriscado por não ter um limite claro entre o compromisso com os fatos e a personalidade. Nesta, Herman não se preocupou em falar de xadrez, como fez em outras.

4.7 SÉTIMA MATÉRIA – SEGUNDO TÍTULO DE INTERZONAL

Figura 14 - página 40 do Estadão - 11/07/1976



Fonte: Acervo Estadão

Figura 15 – recorte da página 23 do Estadão - 11/07/1976

Mecking vence torneio e diz que desafiará Karpov

O brasileiro Henrique da Costa Mecking conquistou ontem o título do Torneio Interzonal de Manila e, assim, assegurou um lugar nas quartas-de-final do Torneio de Candidatos, que indicará o desafiante do campeonato mundial de xadrez, o soviético Anatoly Karpov. Mecking obteve o título de Manila ao empatar em 16 lances com o filipino Eugene Torre, somando 13 pontos. Com esta conquista, Mecking igualou o recorde do norte-americano Bobby Fischer — único até então a vencer dois torneios interzonais. A outra vitória de Mecking foi em 73.º no Torneio de Petrópolis.

E mal tinha vencido o certame de ontem, Mecking precipitou-se, com todo o otimismo, a declarar que passará também pelas quartas-de-final do Torneio de Candidatos: "Eu serei o desafiante de Anatoly Karpov, pelo título mundial".

O torneio de Manila teve a duração de um mês e Mecking foi o mais jovem (24 anos) dos vinte participantes. Só perdeu um jogo durante o certame: foi para o ex-campeão mundial Boris Spassky, que ficou em oitavo lugar. Mecking, contudo, admitiu que está em boa forma e que jogou melhor agora que em Petrópolis, quando também foi campeão.

Mecking e Karpov, que também tem 24 anos, se enfrentaram hoje, mas não com o tabuleiro à frente. Eles vão se encontrar em cerimônia social, de entrega de prêmios. Anatoly Karpov ganhou o título mundial no ano passado sem chegar a sentar-se no tabuleiro para disputar uma partida, pois enfrentou o campeão de Karpov na última rodada do torneio de Manila, os três primeiros colocados do Torneio de Manila, os três primeiros colocados do Torneio Interzonal da Suíça que co-



Com o empate diante de Torre, ontem, Mecking venceu o torneio e tentará desafiar o campeão.

meça na próxima quinta-feira, e mais Viktor Korchnoi que disputou com Karpov o último Torneio de Candidatos) e Bobby Fischer (ex-campeão mundial). E como existe a ameaça de Fischer não disputar as quartas-de-final, o seu lugar seria preenchido pelo melhor colocado entre os classificados em quarto lugar nos Torneios de Manila e Suíça.

Além de Mecking — 13 pontos, 8 vitórias, 10 empates, 1 derrota —, o checo Vlastimil Hort — 9 vitórias, 7 empates, 3 derrotas, ou seja 12,5 pontos — é único classificado. A terceira posição está entre o soviético Lev Polugaevsky, que tem 7 vitórias; 11 empates e 1 derrota (12,5 pontos) e Vitaliy Cheskovsky, também soviético, que tem 8 vitórias, 7 empates e 3 derrotas (11,5 pontos). Se Cheskovsky derrotar o norte-americano Lajos Pachman, hoje em partida foi suspensa ontem, — será o classificado, pois somará mais vitórias do que Polugaevsky.

Jamais ainda hoje: Peter Bjorjans e Ljubomir Ljubojevic, partida suspensa no 41.º lance; Miguel Quinteiro e Khosrow Harandi, suspensa em 43 lances; Wolfgang Uhlmann e Yuri Balashov, suspensa em 41 lances e Tan Lin Ann vs Oskar Panno, suspensa em 40 lances.

O empate de Mecking (branco) e Eugene Torre (preto): 1) CBRR FQCR; 2) PABD CBRR; 3) PCCR BCC; 4) BCC PABD; 5) CBDD CBDD; 6) PAD PXP; 7) CXP CXC; 8) DCC PCC; 9) DDD PDD; 10) BRR CSC; 11) B4D C4R; 12) DDD TCCD; 13) BTT BTT; 14) B4D TCCD; 15) BTT.

Classificação: 1) Mecking 13; 2) Hort e Polugaevsky 12,5; 4) Cheskovsky 11,5; 1) Ljubojevic 11; 7) Kavalek 10,5; 8) Balashov, Panno 10; 11) Gheorghiu, Marcotti e Spassky; 10; 13) Uhlmann 9,5; 11; 14) Gheorghiu 8,5; 13) Quinteiro 8; 11; 16) Torre 7; 17) Bjorjans 5,5; 11; 18) Harandi 5; 11; 19) Pachman e Tan 4,5; 11).

Fitti-1 exige muito trabalho da equipe

REGINALDO LEMÉ
Enviado Especial

Desde a última segunda-feira, quando o cambaleio chegou de Paul Ricard trazendo os três carros, toda a equipe Fitti-1 está trabalhando incansavelmente no já pequeno salão de uma rua estreita da cidade de Reading, a 90 Km de Londres, para apontar o carro com que Emerson pretende disputar o Grande Prêmio da Inglaterra, próximo domingo, em Brands Hatch.

Todos estão muito preocupados com o rendimento do Fitti-1 que até agora não pôde ser acertado e não ser em pista onde se usa muito aerofólio, o que facilita a regulagem de suspensão. Na próxima terça-feira, das 8 horas até o final da tarde, quando fechar o circuito,

de James Hunt não poderia ter vindo em melhor hora para o Royal Automobile Club da Inglaterra e para os organizadores do GP do dia 18. O fato de James Hunt ter ganho 18 pontos em dois dias — 9 de vitória na França e 9 pela análise de sua desclassificação na Espanha — levando a equipe Fitti-1 a uma segunda colocação do campeonato, juntamente com Patrick Depailler e atrás de Niki Lauda, aumentou bastante o interesse da corrida. Os dirigentes do Royal Automobile Club calculam que serão vendidos 110 mil ingressos e que o calor que atinge a Europa neste período provocará um consumo de aproximadamente 500 mil litros de cerveja, já em latas.

O número de inscrições já é bastante elevado, mas há algumas desistências, como a de Ingo Hoffman, já que s-

A luta de Rui para bater novo recorde

Tão logo se recupere — acredita-se que será necessário pelo menos um mês de tratamento — das fortes dores musculares que o impedem de nadar por isso não participou do Torneio "José Finkel" em Curitiba, — Rui Tadeu de Aquino, do Mogiano, desenvolverá intenso programa de treinamento para tentar bater o recorde sulamericano dos 100 metros livres, sua especialidade, e que se encontra em seu poder desde o dia 18 de janeiro de 1974, quando estabeleceu a marca de 57'25, em Salvador, na Bahia. Um de seus treinadores, Sebastião Alvares Galvão, se desta informação acrescenta que a contusão do atleta não é séria, mas "se ele voltar a nadar agora pode complicar, tornando-se crônica. Assim, só retornará à competição quando estiver totalmente recuperado".

Adiantou, ainda, o técnico do Mogiano que o seu clube participará, em setembro, nos Estados Unidos, de um torneio com as universidades de Los Angeles, Houston e Miami. "Temos assim os nossos atletas não ficam parados, já que o Rui e José Luciano Namorado não foram convocados para os Olimpíadas. É uma pena, mas agora não há mais nada a fazer a não ser lamentar que aconteceu. O Brasil perde talvez a sua melhor chance de voltar ao torneio do Canadá no que se refere à natação. Fosse garantido que o Rui e o Namorado são os melhores nadadores das equipes de 100 e 4x200 metros livres".

O fato de Rui Tadeu de Aquino não ter sido convocado para a Olimpíada, assim como ocorreu com José Luciano Namorado, não foi bem recebido pela diretoria

BRASIL DECEPCIONADO

O Brasil que estava sendo indicado como favorito para conquistar o Campeonato Sul-Americano de Tênis de Mesa, tanto na categoria masculina como feminina, acabou decepcionando. A Argentina ganhou o título masculino e o Peru ficou com o feminino. Isto, porque as equipes brasileiras perderam para estes dois países na última rodada do certame disputado em Montevideo.

MARCAS

A alemã Ruth Fuchs bateu o recorde mundial de lançamento de dardo com

Fonte: Acervo Estadão

A sétima matéria (Figura 15), referente à vitória no Torneio Interzonal de Manila 1976, foi escrita por Reginaldo Leme, conceituado jornalista de automobilismo brasileiro que, na época, era repórter esportivo geral do Estadão. É uma matéria com boa escrita e assuntos pertinentes, embora sem nenhum termo comum ao xadrez. O suspense retornou ao conteúdo, novamente, através das expectativas sobre Mequinho transparecidas pelo autor. Talvez pelo profissionalismo de Leme, ela não deixa transparecer uma certa falta de prestígio que Mequinho sofrera após o episódio das Olimpíadas de Nice, em 1974.

O título ‘Mecking vence torneio e diz que desafiará Karpov’ transparece a expectativa do brasileiro para o leitor. Aproveitando-se da fala de Mequinho após vencer o torneio, fez da afirmação dele o destaque principal para o texto, complementando com elementos que reforçam esta visão. No segundo parágrafo, Leme justifica o título destacando o otimismo do enxadrista com relação à continuidade do ciclo mundial então vigente, dando ênfase ao seu discurso de que seria o desafiante ao título mundial contra o campeão Anatoly Karpov.

No parágrafo seguinte, é reforçada a expectativa com a afirmação de Mequinho, pontuando que estava em melhor forma do que ao vencer o Torneio Interzonal de Petrópolis 3 anos antes. Com a adoção desta estratégia de redação, o autor fixa o elemento do suspense de maneira que o objetivo do entendimento por parte do leitor é o de extrema confiança por parte de Henrique Mecking.

Mesmo sem elementos comuns ao jogo, Leme conseguiu acrescentar qualidade à matéria através dos destaques relevantes que se sucederam, como as dúvidas em relação ao Torneio de Candidatos por parte do mistério sobre Bobby Fischer, deixando o leitor devidamente situado nos fatos. Não é, como outras analisadas, uma “super-matéria”, ou seja, uma matéria muito grande e com muito espaço para escrita, mas cumpre bem o dever informativo e não tenta forçar coisas desnecessárias. Assim como o terceiro em diante, este conteúdo fica em primeiro na hierarquia da página (Figura 14).

Segue a reviravolta: antes pregado como a esperança do xadrez nacional, Henrique Mecking é noticiado em 1977, quando inicia sua participação no Torneio de Candidatos daquele ano, como o oposto daquele personagem carismático que havia sido retratado em 1972, quando se tornou o primeiro Grande Mestre do Brasil. Agora tido como uma pessoa fechada, isolada do mundo exterior, que abandonou tudo para se dedicar inteiramente ao xadrez e que seria alguém, resumindo o texto, de não muito boa convivência. Opostas da mesma moeda, a oitava e a segunda matéria se assemelham, principalmente, no que tange à vida pessoal de Mequinho: o foco em xadrez não existe.

Neste conteúdo sem assinatura de qualquer autor ou agência (Figura 16), não existe termo comum ao jogo. A matéria não está interessada em analisar as chances de Mequinho contra o soviético Lev Polugaevsky. Na verdade, sem entrar em critério direto, a matéria aparenta não ter interesse algum no xadrez. Seu conteúdo se resume à contar a história de Henrique Mecking. Uma dúvida surge: por que contar a história de Mequinho? O suspense surge como resposta.

O texto prega Henrique como alguém, além de solitário, mais maduro. Ao invés de se ter esperança sobre ele, o texto busca causar outro tipo de sensação: o que será de Henrique Mecking? Desperdiçará sua vida em busca de seu objetivo de ser campeão mundial de xadrez?

Deste modo, drama e suspense se fundem para formar um único texto. Ao mesmo tempo que é possível sentir pena do enxadrista, pode-se ficar preocupado. A dedicação de Mequinho não é mais colocada como algo positivo.

Na hierarquia de conteúdo, novamente Mecking fica em primeiro, à frente das seleções de basquete e de vôlei, do retorno do boxeador George Foreman, do automobilista Emerson Fittipaldi e do tenista Jimmy Connors.

Se a oitava matéria colocou Mequinho na posição de solitário, a nona (Figura 18) lhe colocou como louco. Em 1979, quando ele foi forçado ao abandono do Torneio Interzonal do Rio de Janeiro, a narrativa do conteúdo, novamente sem assinatura, é de quem estava descrevendo uma pessoa com fortes problemas neurológicos. Complementando a tese de problemas neurológicos, é citado Paul Morphy, um norte-americano que dominou o mundo do xadrez no Século XIX e é, até hoje, reconhecido como um dos maiores talentos da história do esporte. Morphy faleceu aos 47 anos após uma forte deterioração de sua saúde mental.

Como se sabe, Mequinho foi diagnosticado com miastenia grave em 1978, mas em nenhum momento a enfermidade foi citada no texto. Em uma nova combinação de drama e suspense, o grande mistério proposto pela matéria foi sobre o futuro do enxadrista. Porém, a questão colocada na cabeça do leitor era se ele iria ficar louco ou não, reforçando com diversos trechos esta tese quando, na verdade, a miastenia se trata de uma doença que afeta os músculos. Um desvio de foco gigantesco, em que o valor-notícia pesou para o lado do suspense e do drama, sendo exagerado e mal utilizado. Sem nenhuma surpresa, não há sequer um termo comum ao jogo no texto, e a hierarquia textual coloca o texto sensacionalista em destaque (Figura 17)..

4.10 ANÁLISE GERAL DO CORPUS

Ao olhar o *corpus* como um elemento conjunto, é possível identificar que o Estadão se perdeu em sua própria construção de mito: ao passo em que decorriam os anos, as matérias de diferentes épocas, após Mequinho ter se tornado Grande Mestre, não apresentam grandes diferenças. Os termos comuns ao xadrez são raros, e a expertise sobre o jogo fica restrita às matérias de Herman Claudius, sendo qualquer outra tentativa, até mesmo de contar histórias do xadrez, falhas e não justificáveis.

O tratamento de construção e desconstrução de um mito mostra um grande equívoco em lidar com a linearidade do âmbito pessoal e profissional. O foco na vida pessoal de Mecking quase que extrapola os limites do sensacionalismo, tentando pregar uma figura carismática, e que depois se perde em suas próprias narrativas. Um claro exemplo é quando, na terceira matéria, é retratada de maneira dramática a

saudade que a mãe de Mecking sente de seu filho, enquanto na oitava, o fato é descrito como um abandono de seus pais.

Existe um exagero na utilização dos valores-notícia do drama e do suspense: apenas a quinta matéria não utiliza o suspense, e as duas primeiras não utilizam drama. Na parte de relação entre análise qualitativa e análise quantitativa, nota-se uma relação direta entre o drama e o tamanho do conteúdo. Enquanto as duas primeiras não apresentam o elemento e são localizadas em graus inferiores de hierarquia da página, o que faz as outras serem as principais de suas páginas é, justamente, provocar aflição no leitor através do texto.

O elemento do suspense conta com uma reviravolta quase que assustadora. Da primeira até a quarta, o suspense presente gira em torno da pergunta: “até onde Mequinho vai chegar no cenário do xadrez mundial?”. Porém, da sétima em diante, ela é substituída pela dúvida: “o que Mequinho irá virar? Um louco?”. O Estadão se perde na construção de seu próprio mito, o que é demonstrado na última matéria, que coloca um ponto final ao prestígio do brasileiro. O exemplo de Paul Morphy, empregado na última matéria, beira o sensacionalismo: com o diagnóstico de uma doença que afeta os músculos, utilizam o caso de um enxadrista que enlouqueceu.

Os exageros cometidos em torno das narrativas demonstram um fracasso ao tentar criar uma figura carismática, excedendo o limite do profissional e invadindo uma área da vida pessoal em que qualquer um está sujeito aos seus próprios defeitos. O valor-notícia é empregado de maneira totalmente equivocada. A falta de especialização em torno do esporte também é demonstrada: os termos comuns ao xadrez não necessariamente se fazem tão essenciais, como demonstrado na sétima matéria, de Reginaldo Leme. Porém, com exceção desta e das matérias assinadas por Herman Claudius, o que se tem é um simples conteúdo com menos foco no esporte e mais foco em narrativas dramáticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, o trabalho conseguiu abordar e retificar conceitos do xadrez que, através de exemplos, se mostram pertinentes e passíveis de esclarecimentos e desmistificações. Justificando o fato de xadrez ser tratado como um esporte pela mídia, e deixando esclarecida a questão, a pesquisa trouxe, através de vários exemplos, relações e semelhanças históricas entre este e outras modalidades esportivas, além das semelhanças entre as práticas dos jogos. Não foi possível, de fato, chegar à uma conclusão definitiva, porém esta falta de possibilidade já era prevista de antemão, já que a discussão como um todo foge do âmbito de um trabalho acadêmico e adentra áreas que competem à diversos outros tipos de especialidade. A busca pelo esclarecimento prévio, situando devidamente o leitor sobre até onde se evoluiu nessa discussão, traz uma noção adequada sobre o esporte tratado no texto para compreender o resto.

O estereótipo de genialidade foi demonstrado como existente, e também acabou por ser desmistificado através da comparação de experimentos práticos realizados por especialistas. As observações foram feitas dentro das possibilidades, e sem invadir áreas de outras especialidades, às quais não competem a formação de jornalista. A desmistificação do estereótipo se fez necessária para adequar o leitor diretamente à melhor noção do conceito de um jogador de xadrez, apresentando um olhar que não seria possível ter sem o devido esclarecimento presente no capítulo.

Através de contextualizações históricas demonstradas no primeiro e segundo capítulo, o xadrez mostra sua relevância como um jogo que evolui e se torna um objeto tanto político, como intelectual. A parte intelectual se mostra como um exagero, porém, não pode ser ignorado o fato de que assim foi tratado. Mesmo o estereótipo da genialidade em torno do enxadrista não seja verdadeiro, o fato de que o xadrez foi utilizado como vitrine para propaganda política através dele não pode e não foi ignorado.

A análise chegou à conclusão do interesse seletivo da mídia, demonstrada através do jornal Estadão, em esportes que não fossem o futebol, através de sua metodologia de redação demonstrada através do conceito de valor-notícia e sua medição dentro do conteúdo selecionado. O interesse seletivo é demonstrado através do emprego de elementos do valor-notícia que desviam o foco da cobertura de

esportes alternativos para focar na construção e manipulação de imagens de seus jogadores, deixando de lado os aspectos do jogo em si. Diante disso, a conclusão do interesse seletivo se demonstra como adequada, elucidando o fato de que o foco de um esporte alternativo ao principal está em segundo plano, e que os personagens, através de narrativas, são transformados em objetos de conteúdo.

REFERÊNCIAS

- MURRAY, Harold J. R. A History of Chess. Londres: Oxford University Press, 1913.
- MECKING, Henrique. CALDEIRA, Adriano. Mequinho: o xadrez de um grande mestre. Jandira (SP). Editora Ciranda Cultural, 2010.
- COSTA JÚNIOR, Luiz Roberto Guimarães da. Henrique Mecking: Vencedor dos Interzonais e Participante dos Torneios de Candidatos. Rio de Janeiro. Editora Ciência Moderna, 2013.
- NOBLAT, Ricardo. A Arte de Fazer um Jornal Diário. 3ª edição. São Paulo. Editora Contexto, 2003.
- BOND, Frank Fraser. Introdução ao Jornalismo. Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Gruppo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Etas S.p.A., Milão, 1985.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. Estudos em Jornalismo e Mídia Vol.II Nº 1 (p. 95-107). Periódicos UFSC. Florianópolis, janeiro de 2005.
- JOHNSON, Daniel. White King and Red Queen. Boston e Nova Iorque: Houghton Mifflin Company, 2008.
- KOTOV, Alexander. Alekhine. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, S.A., 1975.
- GOBET, Fernand. CAMPITELLI, Guillermo. Intelligence and chess. ResearchGate, janeiro de 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/49400711_Intelligence_and_chess Acesso em: 9 de maio de 2023.
- FRISON, Rafaela. Esportes, sim. UFRGS, maio de 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/sextante/esportes-da-mente/> Acesso em: 9 de maio de 2023.
- VESTBERG, Torbjörn. Et al. Core executive functions are associated with success in young elite soccer players. PLOS ONE, fevereiro de 2017. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0170845> Acesso em: 9 de maio de 2023.
- BOBBY Fischer Contra o Mundo. Direção de Liz Garbus. Produção de Nancy Abraham e Stanley F. Buchthal. Estúdios HBO. Estados Unidos, lançamento em 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wtP7iqy9ynw>
- TWO Kings for a Crown. Direção de Serguei Kostine e Jean-Charles Deniau. Estúdio Yuyu. Estados Unidos, lançamento em 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LsyuvAjvral&t=635s>
- SHERLOCK Holmes: O Jogo de Sombras. Direção de Guy Ritchie. Produção de Joel Silver, Lionel Wigram, Susan Downey e Dan Lin. Estúdios Silver Pictures, Village

Roadshow Pictures e Wigram Productions. Estados Unidos, lançamento em 2011.
Disponível em:

https://www.primevideo.com/detail/0RIF8IJYGHKLLEFSO5C1AZTG0L/ref=atv_sr_flec_Tn74RA_3_1_3

LA Casa de Papel. Direção de Jesús Colmenar, Koldo Serra, Álex Rodrigo e Javier Quintas. Estúdios Vancouver Media e Atresmedia. Espanha, lançamento em 2017.
Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80192098>

ESPORTE. In: MICHAELIS, Dicionário. UOL. Disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esporte/>.
Acesso em: 9 de maio de 2023.

PIONEIRO. In: MICHAELIS, Dicionário. UOL. Disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pioneiro/>.
Acesso em: 18 de maio de 2023.

ESPORTE. In: PRIBERAM, Dicionário Online de Português Contemporâneo.
Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/esporte>. Acesso em: 9 de maio de 2023.

GILBERTO Milos. In: WIKIPÉDIA. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Milos. Acesso em: 9 de maio de 2023.

HISTÓRIA do xadrez. In: WIKIPÉDIA. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_xadrez. Acesso em: 9 de maio de 2023.

MARATONA. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maratona>.
Acesso em: 9 de maio de 2023.

NIKOLAI Krylenko. In: WIKIPÉDIA. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Krylenko. Acesso em: 9 de junho de 2023.

CAMPEONATO Mundial de Xadrez. In: WIKIPÉDIA. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Mundial_de_Xadrez. Acesso em: 9 de maio de 2023.

BURIGATO, Thiago. Brasileiro não gosta de futebol, gosta de ganhar. Disponível em:
<https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/brasileiro-nao-gosta-de-futebol-gosta-de-ganhar-8462/>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

SONAS, Jeff. Formulas. CHESSMETRICS. Disponível em:
<http://www.chessmetrics.com/cm/CM2/Formulas.asp>. Acesso em: 9 de maio de 2023.

FRITOLI, Ana. MELCHERT, José. Os brasileiros e o esporte: como as pessoas estão se exercitando e consumindo conteúdo esportivo no país?. THINK WITH GOOGLE, março de 2021. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt->

[br/tendencias-de-consumo/tendencias-de-comportamento/os-brasileiros-e-o-esporte-como-as-pessoas-estao-se-exercitando-e-consumindo-conteudo-esportivo-no-pais/](https://br.tendencias-de-consumo/tendencias-de-comportamento/os-brasileiros-e-o-esporte-como-as-pessoas-estao-se-exercitando-e-consumindo-conteudo-esportivo-no-pais/)

LEITÃO, Rafael. Os Grandes Jogadores de Xadrez: Mequinho.

RAFAELLEITAO.COM. Disponível em: <https://rafaelleitao.com/grandes-jogadores-mequinho/> . Acesso em: 11 de maio de 2023.

Playboard. Most Watched Live. Desde janeiro de 2020. Disponível em:

<https://playboard.co/en/chart/live/most-watched-all-videos-in-worldwide-total>

HERMAN van Riemsdijk. In: WIKIPÉDIA. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Herman_van_Riemsdijk . Acesso em: 10 de junho de 2023.

The Noite com Danilo Gentili. Entrevista com enxadrista Henrique Mecking, o "Mequinho" | The Noite (04/10/21). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=hfiKsY7TNww&t=280s>

Canal Xadrez Brasil. Entrevista com MEQUINHO, a LENDA Viva do Xadrez - PARTE I. YouTube, 4 de março de 2021. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=mLP3_lh5TFo

Canal Xadrez Brasil. Entrevista com MEQUINHO, a LENDA Viva do Xadrez - PARTE II. YouTube, 11 de março de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=jTeldb2xMnU>

Canal Xadrez Brasil. Entrevista com MEQUINHO, a LENDA Viva do Xadrez - PARTE III. YouTube, 18 de março de 2021. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=jik0GJm_dpc

Canal Xadrez Brasil. Entrevista com MEQUINHO, a LENDA Viva do Xadrez - PARTE IV. YouTube, 25 de março de 2021. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ZiBL_6Cn738

Xadrez Online. Entrevista MI Herman van Riemsdijk. YouTube, 22 de junho de 2020.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IYVPSZ0tq7I&t=2627s>

O Estado de São Paulo, São Paulo, 28 de junho de 1966. Página 20. Disponível em:

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19660628-27973-nac-0020-999-20-not/busca/Mecking>

O Estado de São Paulo, São Paulo, 8 de outubro de 1971. Página 21. Disponível

em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19711008-29605-nac-0021-999-21-not/busca/Vrsac>

O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 de janeiro de 1972. Página 20. Disponível

em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19720114-29688-nac-0020-999-20-not>

O Estado de São Paulo, São Paulo, 18 de junho de 1973. Página 22. Disponível em:

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19730818-30181-nac-0022-999-22-not/busca/Mequinho+campe%C3%A3o>

O Estado de São Paulo, São Paulo, 15 de fevereiro de 1974. Página 19. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19740215-30333-nac-0019-999-19-not/busca/Korchnoi>

O Estado de São Paulo, São Paulo, 15 de junho de 1974. Página 23. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19740615-30434-nac-0023-999-23-not>

O Estado de São Paulo, São Paulo, 11 de julho de 1976. Página 40. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19760711-31074-spo-0040-999-40-not>

O Estado de São Paulo, São Paulo, 26 de fevereiro de 1977. Página 20. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19770226-31269-nac-0020-999-20-not/busca/Mecking>

O Estado de São Paulo, São Paulo, 26 de setembro de 1979. Página 20. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19790926-32066-spo-0021-999-21-not>

Folha de São Paulo, São Paulo, 14 de janeiro de 1972. Página 7, caderno especial. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4268&anchor=4628256&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=27ff94b5132eb037eca75b995281faab>



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br